

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER  
Curso de Bacharelado em Jornalismo

CLEIDIANE RIBEIRO RODRIGUES DA CUNHA

**GÊNERO EM PAUTA: A EXPERIÊNCIA DE JORNALISTAS ESPORTIVAS EM  
BELÉM DO PARÁ**

PARAUAPEBAS

2022

CLEIDIANE RIBEIRO RODRIGUES DA CUNHA

**GÊNERO EM PAUTA: A EXPERIÊNCIA DE JORNALISTAS ESPORTIVAS EM  
BELÉM DO PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial  
para obtenção do grau de bacharel em  
Jornalismo ao Centro Universitário  
Internacional UNINTER.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Máira Nunes.

PARAUAPEPAS

2022



## Curso de Bacharelado em Jornalismo

### Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos dezessete dias do mês de agosto de 2022 realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso da estudante **Cleidiane Ribeiro Rodrigues da Cunha**, portadora do Registro Uninter 1806322 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade monografia, sob o título “**Gênero em Pauta: a experiência de jornalistas esportivas em Belém do Pará**” e orientação da professora doutora Máira de Souza Nunes, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador 1: Prof. Me. Alexsandro Ribeiro

Examinadora 2: Prof<sup>a</sup> Ma. Larissa Drabeski

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 9,0.

Sendo assim, considerou-se a estudante aprovada.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a: 

Examinador/a 1: 

Examinador/a 2: 

Estudante: 

## DEDICATÓRIA

Dedico esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aos meus filhos, Izadora e Lorenzo, por serem desde sempre minha maior motivação para lutar pelos meus sonhos. Ao meu esposo Devlyn Kayson por todo o companheirismo durante esse processo de aprendizado. Aos meus pais, Maria Luciana e Odmir e minha irmã Leidiane, meus grandes exemplos de seres humanos e externo minha eterna gratidão por tudo que representaram ao longo da minha jornada, pois me ensinaram que para se realizar na vida é preciso esforço e dedicação. Por fim aos meus avós paternos (*in memoriam*) os responsáveis por cultivar em mim o amor pela comunicação. Meu avô David Rodrigues sempre me tinha como companheira para assistir o extinto programa jornalístico do SBT o “Aqui Agora”, já a minha avó Lenita, sua esposa, adorava ouvir as notícias locais apresentadas por uma locutora que tinha o mesmo apelido que o dela, “Dica”, minha avó se orgulhava disso. Meus avós sempre falavam que estar bem informado é ganhar o mundo e foram eles, os meus maiores exemplos para que hoje eu possa me formar como jornalista. A cada um citado nesta dedicatória, minha eterna gratidão.

## **AGRADECIMENTOS**

Quantos e-mails enviados durante várias madrugadas para a tutoria da UNINTER, em busca de esclarecimentos, mesmo com vergonha pelo horário, mas era o que me restava por não ter computador eu tinha que esperar meu vizinho chegar do turno de meia noite para me emprestar a internet e assim eu pudesse estudar nem que fosse pelo celular, durante mais de dois anos nessa rotina que considera meio maluca.

Meus sinceros agradecimentos se estendem primeiramente a Deus, por ter me amparado em cada momento de medo, dificuldade principalmente as financeiras, por ter sido meu amigo fiel quando eu já não tinha mais forças. Aos meus mestres, prefiro não citar nomes, para não cometer o pecado de deixar de citar alguém, mas todos sem exceção, os meus mais sinceros respeitos de admiração, carinho e gratidão por todos. O que seria de mim sem a paciência deles com imensa dedicação, o comprometimento com os alunos e o amor pela profissão fazem com que eles levem adiante o conhecimento da área e assim immortalizam uma área tão fundamental no desenvolvimento social.

Costumo dizer que ser professor é muito mais que ensinar, é acreditar muito mais em você, do que você mesmo, em muitos casos. Meu muito obrigada e com um imenso abraço de gratidão a minha orientadora Máira Nunes, desde o início acreditou no tema da minha pesquisa e me fez desistir não nem por um segundo. Sem dúvida, todas as orientações durante todo o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se tornaram mais leves porque todos estiveram do meu lado nas retas finais do curso. Admiração define!

Agradeço ao meu ex-chefe na secretaria de Esporte e Lazer, Leandro Gambeta, onde trabalhei por dois anos e me ofertou a oportunidade de uma troca mútua de conhecimentos. Meus agradecimentos também para Morgana Albuquerque, uma companheira de trabalho e que me estendeu a mão quando mais precisei. Agradecimentos também às jornalistas esportivas de Belém que aceitaram participar desta monografia ao dividirem suas experiências. A todos que permaneceram comigo nessa caminhada e acreditaram que eu pudesse realizar o meu sonho, o meu verdadeiro e inenarrável muito obrigada!

## EPÍGRAFE

*“Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça. Sede fortes e corajosos, não temais, porque o Senhor teu Deus é o que vai contigo e não te deixará nem te desampará”.*

Isaías 41:10 - Deuteronômio 31:6

*A Bíblia Sagrada*

## RESUMO

A monografia tem como objetivo apresentar reflexões do trabalho feito pelas mulheres dentro da cobertura esportiva na cidade de Belém, capital do estado do Pará, região Norte do Brasil. O objetivo principal desse trabalho é analisar de que maneira as questões de gênero impactam na atuação profissional de jornalistas esportivas que atuam em Belém do Pará. A hipótese levantada é a de que a experiência profissional das mulheres que atuam no jornalismo esportivo é atravessada pelas questões de gênero, o que gera uma série de empecilhos e desafios para o desenvolvimento profissional dessas profissionais. Sobre a temática da atuação dessas jornalistas na cidade citada, a pesquisa empírica inclui entrevistas semiestruturadas com cinco profissionais atuantes na editoria esportiva, sendo que todas possuem uma vasta experiência na editoria esportiva em veículos televisivos, radiofônicos e internet. Os resultados da pesquisa indicam que a entrada das mulheres nas redações, reportagens, narração, apresentação e comentários em programas esportivos, entre tantos outros cargos de atribuição na preparação das informações, mascara o preconceito e a desigualdade, principalmente em cidades que fazem parte do eixo Norte/Nordeste.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Esportivo; Mulheres Jornalistas, Belém do Pará.

## **LISTA DE SIGLAS**

ACLEP- Associação dos Cronistas e Locutores Esportivos do Pará

CBF- Confederação Brasileira de Futebol

CLT-Consolidação das Leis do Trabalho

CNPJ- Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas

COI- Comitê Olímpico Internacional

FENAJ-Federação Nacional dos Jornalistas

FIFA - Federação Internacional de Futebol

FPF- Federação Paraense de Futebol

INTERCOM-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

ORM- Organizações Rômulo Maiorana

RBATV- Rede Brasil Amazônia de Televisão

TV- Televisão

UFPA- Universidade Federal do Pará

UNINTER- Centro Universitário Uninter

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
<b>2 METODOLOGIA</b>	12
<b>3 GÊNERO E JORNALISMO</b>	18
3.1 A MULHER NO JORNALISMO BRASILEIRO	16
<b>4 O JORNALISMO ESPORTIVO</b>	25
4.1 O JORNALISMO ESPORTIVO EM BELÉM	25
<b>5 A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DAS JORNALISTAS DE BELÉM DO PARÁ</b>	39
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	50
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE	51

## 1 INTRODUÇÃO

Com a entrada no mercado de trabalho, durante a Revolução Industrial, mulheres passaram a lutar coletivamente pela igualdade de direitos e essa busca pelo reconhecimento e possibilidade de acesso à educação, cultura, participação política e condições dignas de trabalho se manteve a longo de todo o século XX.

No Brasil, por volta de 1850, as mulheres aproveitaram o crescimento da imprensa para criar canais de informação e de troca de ideias sobre o que pensavam e diziam delas próprias, contradizendo o que a sociedade dizia ou lhes exigia. O jornalismo feminino da segunda metade do século XIX expressava um discurso reivindicatório produzindo manifestos na imprensa alternativa como uma forma de clamar por direitos à profissionalização e ao voto. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017).

Atualmente, as mulheres são a maioria dos profissionais nas redações dos jornais, no entanto ainda seguem como minoria nas editorias esportivas. Esse fato demonstra que o universo esportivo continua sendo identificado como masculino, impondo dificuldades para que as mulheres se estabeleçam como profissionais respeitadas. Preconceito, machismo e assédio fazem parte do cotidiano das jornalistas que atuam na cobertura esportiva. (BRUM, CAPRARO, 2015).

Prova disso é a tag #DeixaElaTrabalhar, que ganhou as redes sociais no dia 26 de março de 2018 ao escancarar um cenário de machismo e assédio que as jornalistas esportivas enfrentam no exercício da profissão, não restando dúvidas, que as mulheres ainda buscam por mais igualdade, mesmo com a presença delas como torcedoras, árbitras, treinadoras, dirigentes, bandeirinhas e atletas de várias modalidades esportivas. (CARDIM, 2018).

Independentemente de estarem nos grandes centros das informações do país instalados nas regiões Sul e Sudeste do Brasil ou instaladas em estados mais afastados como as regiões Norte e Nordeste, a realidade de tantas mulheres pode ser a mesma, mesmo com oportunidades diferentes de atuação no cenário, mas que coincidem com os mesmos desafios de serem aceitas e trabalharem livremente. Sendo assim é sobre a região Norte que desperta o interesse da pesquisa, entendendo que pouco se assiste, se ouve ou se lê conteúdos nos quais as mulheres

têm efetiva participação no jornalismo esportivo do Norte do Brasil, em especial a cidade de Belém do Pará.

A presente pesquisa partiu do seguinte questionamento: como se dá a experiência profissional das jornalistas que atuam no jornalismo esportivo em Belém do Pará? A hipótese levantada é a de que a experiência profissional das mulheres que atuam no jornalismo esportivo é atravessada pelas questões de gênero, o que gera uma série de empecilhos e desafios para o desenvolvimento profissional dessas jornalistas.

O objetivo principal desse trabalho é analisar de que maneira as questões de gênero impactam na atuação profissional de jornalistas esportivas que atuam em Belém do Pará. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: investigar as características do jornalismo esportivo a partir da predominância masculina; identificar a presença feminina nas editorias esportivas, nas funções de narração, apresentação e comentário, bem como redação e produção; pesquisar a experiência de profissionais que atuam no jornalismo esportivo belenense.

A entrada das mulheres nas redações, reportagens, narração, apresentação e comentários em programas esportivos, entre tantos outros cargos de atribuição na preparação das informações, mascara o preconceito e a desigualdade, principalmente em cidades que fazem parte do eixo Norte/Nordeste, onde a presença das grandes empresas de comunicação do Brasil não é tão numerosa, resultando em falta de oportunidade profissional para as jornalistas.

O valor principal aqui retratado será a o ponto de vista das jornalistas inseridas no jornalismo esportivo de Belém do Pará, uma temática ainda inexplorada, mas que contribui para novas percepções, convicções, estudos e pesquisas que enriqueçam os debates, até que ponto a igualdade de gênero atinge as várias esferas sociais, regionais e assim abordar o assunto em debates acadêmicos, levanta outras hipóteses e novas análises que venham contribuir para as mudanças sociais no aspecto do universo esportivo.

A monografia foi dividida por capítulos que começam a ser apresentados logo após a introdução, onde é abordado sobre a história de lutas das mulheres jornalistas esportivas desde a chegada deste gênero nas redações. Com o apoio metodológico será possível analisar de forma empírica sobre a questão pesquisada, onde será possível identificar algumas profissionais que integram as redações jornalísticas

esportivas de Belém do Pará. Para uma compreensão detalhada que marca de fato o cenário da entrada das mulheres como profissionais da comunicação esportiva, o terceiro capítulo entra como início dos estudos que comprovam a abordagem de pesquisadores em relação às discussões de gênero que impactam o desenvolvimento social, ao excluírem as mulheres dos vários eixos, entre eles o profissional e o humano.

De apoio a esse tema, o subitem do terceiro capítulo abarca o contexto das mulheres no jornalismo esportivo brasileiro desde o início, onde é destacado reivindicações feministas e estudos teóricos sobre as relações de gênero no universo brasileiro, ao ser abordado dentro dos mais diversos assuntos ligados sobre o direito que ao longo da história foi negado a elas. No quarto capítulo pretende se ser explicado o que representa o gênero jornalístico especializado em conteúdo de esportes, visto que o jornalismo propriamente dito, compreende diferentes formatos da exposição de notícias, onde são apoiados nos gêneros, para que a informação seja compreensível.

Por fim no quinto capítulo entrará com o depoimento das seis profissionais que integram o desenvolvimento do jornalismo esportivo em Belém, em que cada uma das participantes retratam de forma opinativa seu olhar em relação a profissão sendo esta questão a principal a análise de sustentação desta monografia, a discussão sobre relações de gênero que ainda permeia na sociedade, independente de contextos regionalizados direcionadas a Belém.

Para uma análise específica, os dados apresentados seguirão por meio de entrevistas semiestruturada e o depoimentos destas seis profissionais que vivenciam na prática os desafios de serem jornalistas esportivas em Belém do Pará, será um paralelo em múltiplas realidades, formando uma compreensão dos caminhos que a profissão tem seguido em locais mais afastados dos grandes conglomerados da comunicação no Brasil. Não é a intenção apresentar aqui um vasto entendimento sobre igualdade de gênero no jornalismo esportivo, mas apresentar um recorte que identifique estereótipos que tendem a influenciar a formação social, quando é imposto uma divisão de trabalho sexuada entre cargos e profissionais, comungando assim com atrasos no progresso da carreira jornalística, principalmente entre aqueles que desejam se especializar na editoria esportiva.

## 2 METODOLOGIA

Na busca por compreender como se desenvolve a entrada e permanência das jornalistas esportivas na cidade de Belém, foram identificadas, inicialmente, fontes bibliográficas que refletem a história destas profissionais no jornalismo esportivo. Como não foram encontradas fontes que pudessem comprovar a gênese da chegada da mulher nesta editoria e por meio disso traçar uma linha do tempo evolutiva sobre os caminhos direcionados da profissão até a realidade atual em Belém, partiu-se então para uma pesquisa bibliográfica, com aporte em estudos já comprovados de possíveis nomes citados como as primeiras mulheres a participarem desse processo de construção da notícia esportiva, porém, é difícil saber a veracidade dessas informações.

Com base principalmente em livros e artigos científicos; e seguindo o que se entendem como pesquisa exploratória, definida por Gil (2002, p. 41), como tendo o “objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses, ao incluir o levantamento bibliográfico e entrevistas”, a monografia apresentará depoimentos de quem vive na prática a profissão.

Com o apoio de artigos acadêmicos publicados em repositórios de pesquisas da Intercom, Scielo, Google Acadêmico, repositório da Uninter, da Universidade Federal do Pará (UFPA), reportagens publicadas sobre a temática, artigos do Observatório da Imprensa, a pesquisa permitiu identificar a disparidade ou divisão de trabalho que se exprime por meio da divisão sexual. Daniëlle Kergoat (2009) defende que homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas construções sociais que formam grupos envolvidos em uma relação social específica. Como todas as relações sociais, estas possuem uma base material: o trabalho.

No jornalismo esportivo, esta realidade é completamente perceptível ao verificar-se a predominância masculina na cidade de Belém, seja nas redações televisivas, radiofônicas e até nas editorias dos portais de notícia. Partindo do ponto que os homens têm um maior domínio da área, pela presença maciça durante as coberturas sobre os eventos esportivos, o conceito sobre disparidade de gênero permite um recorte de como a situação tem acontecido na capital do Pará.

Ao longo do desenvolvimento desta monografia foram identificadas profissionais que contribuíram ou que ainda estão atuantes em veículos de imprensa

esportiva de Belém e com o apoio da Associação dos Cronistas e Locutores Esportivos do Pará (ACLEP), foi possível identificar as jornalistas, Mariana Malato, Tayná Martinez, Beatriz Reis, Dominique, Launny Challiê, Lourdes Cesar, Mayara Almeida, Andreia do Espírito Santo, Nathalia Lima, Paula Marrocos, Tati Dias, Elena Brito, Trisha Guimarães, Suy Anne Costa, Cleidi Rodrigues, Flávia Lima e Syanne Neno. Algumas destas profissionais contribuíram com o desenvolvimento da pesquisa de forma significativa, seja no repasse de informações relevantes sobre o dia a dia na função ou participando ativamente com dados, referências, contando as próprias experiências enquanto jornalistas esportivas e emprestando seus relatos.

É fato dizer, que várias destas profissionais ainda atuantes em Belém serão mencionadas ao longo da pesquisa de forma direta ou indireta entre as citações recuadas. Outras profissionais também serão citadas aqui, mesmo que já não atuem na editoria de esportes, mas contribuíram de forma significativa com a profissão e por isso serão citadas em respeito ao legado deixado, como é caso de Suy Anne Costa, que foi repórter e correspondente de televisão, Cleidi Rodrigues que atuou como repórter de televisão, locutora esportiva e narração, ambas atualmente residem no interior do Pará e seguiram para a assessoria de imprensa a cargo do serviço público. Trisha Guimarães, Flávia Lima e Elena Brito, também tiveram sua parcela de contribuição como repórteres e apresentadoras de programas esportivos, mas deixaram de atuar no jornalismo esportivo há muitos anos.

Devido ao cenário pandêmico da Covid 19 e aos protocolos de saúde e que impuseram as medidas de isolamento e distanciamento, optou-se pela criação de um grupo no WhatsApp, assim seria possível acompanhar o dia a dia das fontes pesquisadas e os debates das jornalistas acerca de suas experiências profissionais.

Para que a monografia fosse sustentada por meio informações válidas e que venha a se tornar arquivos documentais, um questionário foi preparado e enviado à todas as jornalistas que se disponibilizaram em contribuir. Um questionário com mais de 15 perguntas todas relacionadas as experiências e análises pessoais sobre a carreira foi encaminhado para elas. As respostas enviadas por elas, foram repassadas tanto via aplicativo de mensagens, quanto pelo acesso de e-mail. O questionário pode ser conferido na íntegra em Apêndice.

Sobre a temática da atuação dessas profissionais na cidade de Belém, a pesquisa se baseou no desenvolvimento de entrevista semiestruturada com as seis

profissionais que dispuseram em responder o questionário, levando em consideração suas experiências de atuação em veículos televisivos, radiofônicos e internet. Baseado no que cita Lage (2017, p. 32), “a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”. Embora a proposta aqui não é uma investigação jornalística, mas sim uma coleta de dados por amostragem sobre uma análise do olhar dessas profissionais enquanto jornalistas esportivas e os desafios da carreira.

Seguindo os moldes das entrevistas semiestruturadas e abertas, serviram de apoio para essa pesquisa, pudesse “conhecer o pensamento do entrevistado sobre determinado assunto, dando uma margem de liberdade para suas próprias considerações e mudanças de rumo, mas sem perder o recorte específico da pesquisa.” (MARTINO, 2018, p. 104).

A jornalista Mariana Malato aceitou em ser identificada ao longo das citações recuadas, mas as jornalistas A.E.S; L.C; S.C e M. A, por resguardo de identidade devido aos fortes relatos apresentados em seus depoimento, a pesquisadora optou em resguardar a identidade das profissionais, e serão identificadas por siglas, por se tratar de uma temática desafiadora para a maioria delas em falar de situações que envolvem constrangimentos, desacatos, assédios, confrontos sociais, entre tantos outros relatos, sendo assim em respeito à solicitação das profissionais, as mesmas serão resguardadas de identificação.

Os modelos de entrevistas semiestruturadas e abertas, que serviram de base para essa pesquisa, permitem “conhecer o pensamento do entrevistado sobre determinado assunto, dando uma margem de liberdade para suas próprias considerações e mudanças de rumo, mas sem perder o recorte específico da pesquisa.” (MARTINO, 2018, p. 104).

A entrevista semiestruturada tem como característica a elaboração prévia de um roteiro que terá a função principal a conduzir a entrevista para o objetivo pretendido. O roteiro poderá ter outras funções: Ser elemento que auxilia o pesquisador a se organizar antes e no momento da entrevista; ser um elemento que auxilia o pesquisador a se organizar antes e no momento da entrevista; ser um elemento que auxilia, indiretamente, o entrevistado a fornecer a informação de forma mais precisa e com maior facilidade (MANZINI, 2003, p. 11).

Já a entrevista aberta colabora para coleta de informações mais detalhadas e aprofundadas, relacionadas às situações vividas pelos personagens entrevistados e opiniões que possuem sobre os temas que as envolvem.

A entrevista aberta, ou não estruturada, se aproxima de um diálogo entre pesquisador e entrevistado. Mais do que perguntas, há tópicos para a entrevista, dando ao entrevistado tempo e espaço para expor ideias [...] com isso, podem aparecer detalhes e informações que ficariam de fora no caso de outras modalidades de entrevista (MARTINO, 2018, p. 104).

O questionário preparado para a entrevista com as profissionais seguiu as seguintes perguntas:

- 1) O que levou a decisão para a editoria de esportes e há quanto tempo atua?
- 2) Como aconteceu a oportunidade de entrar no jornalismo esportivo?
- 3) Quais desafios precisaram superar para permanecer e quais conquistas até os dias atuais?
- 4) Já recebeu reconhecimento por atuar na área (premiações, comendas, convites para participar em debates, congressos, simpósios sobre a causa da inserção da mulher no cenário esportivo)?
- 5) Fale um pouco sobre seu olhar em relação a evolução da mulher na cobertura esportiva
- 6) Já pensou em desistir do jornalismo esportivo e por quê?
- 7) O que te fez voltar atrás na decisão?
- 8) Já sofreu algum tipo de preconceito?
- 9) A respeito da valorização profissional, concorda ou discorda que a mulher ainda possui diferenças em relação aos homens (cargos, salários, carga horária, oportunidades de crescimento dentro da empresa, subordinação da chefia, e etc).
- 10) No Pará, você acha que a jornalista esportiva tem oportunidades de mostrar seu trabalho a nível nacional do mesmo jeito que outras mulheres em outras editorias?
- 11) O que levou a decisão para a editoria de esportes e há quanto tempo atua?
- 12) Como aconteceu a oportunidade de entrar no jornalismo esportivo?

- 13) Quais desafios precisaram superar para permanecer e quais conquistas até os dias atuais?
- 14) Já recebeu reconhecimento por atuar na área (premiações, comendas, convites para participar em debates, congressos, simpósios sobre a causa da inserção da mulher no cenário esportivo)?
- 15) Fale um pouco sobre seu olhar em relação a evolução da mulher na cobertura esportiva
- 16) Já pensou em desistir do jornalismo esportivo e por quê?
- 17) O que te fez voltar atrás na decisão?
- 18) Já sofreu algum tipo de preconceito?
- 19) A respeito da valorização profissional, concorda ou discorda que a mulher ainda possui diferenças em relação aos homens (cargos, salários, carga horária, oportunidades de crescimento dentro da empresa, subordinação da chefia, e etc).
- 20) No Pará, você acha que a jornalista esportiva tem oportunidades de mostrar seu trabalho a nível nacional do mesmo jeito que outras mulheres em outras editorias?

Além delas, a pesquisadora também propôs à direção da ACLEP o mesmo rito de entrevista que ocorreu com o presidente da instituição, José Getúlio da Silva Oliva. A proposta seguiu os critérios para os primeiros levantamentos de informações sobre estas profissionais e conhecimento sobre o histórico da ACLEP. O questionário foi enviado via WhatsApp e também por e-mail, onde foram repassados os contatos para aprofundamento das informações e contato direto com as fontes de entrevistas, outros questionamentos seguiram por meio do questionário estruturado, contendo as seguintes perguntas:

- 1) Descreva sobre a instituição (tempo de mercado, ramo de atuação, importância de mercado, histórico de implantação e se possui filiais) e como a instituição atua?
- 2) Como são realizados o cadastro dos profissionais associados?
- 3) Quantidade de cadastrados identificando por gênero (masculino e feminino)

- 4) No cadastro da ACLEP, quais são os cargos considerados aceitos. Descreva os mesmos e relacione quantidade de homens e mulheres. Sugestão referenciar por faixa etária.
- 5) Quantas mulheres jornalistas esportivas estão cadastradas na ACLEP?
- 6) Quantos homens jornalistas esportivos estão cadastrados na ACLEP?
- 7) Quais empresas de comunicação são credenciadas na instituição?
- 8) Identifique quais eventos há efetiva participação da ACLEP dentro do processo de comunicação na cidade de Belém.
- 9) Como funciona o regimento da ACLEP?
- 10) Que tipo de cadastro a instituição utiliza controle interno dos seus filiados?

As entrevistas ocorreram de forma individual foram realizadas entre outubro de 2021 e julho de 2022, sendo três das jornalistas enviaram suas respostas via WhatsApp (aplicativo de mensagens), outra três profissionais preferiram enviar por e-mail as respostas do questionário proposto.

### 3 DISPARIDADE DE GÊNERO NO JORNALISMO

Neste capítulo será abordado não as questões sobre como identificar gêneros jornalísticos dentro de um conceito de valor de notícia, mas sim as disparidades relacionadas entre homem e mulher, no mais preciso entendimento sem subjugar as questões de sexualidade, e sim pelo contexto sociocultural entre macho e fêmea. O desenvolvimento das civilizações ao longo da história foi marcado pelo protagonismo masculino, por meio da estrutura patriarcal, o que gerou uma desigualdade entre homens e mulheres,

um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade, representa uma relação civil e não privada, tem uma base material, dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição, corporifica-se e representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência. SAFFIOTI (2004, p. 57).

O papel da mulher e do homem foi atribuído pela sociedade, ou seja, características femininas e masculinas foram preestabelecidas pelo patriarcado que visa a dominação masculina e seus interesses pessoais como a submissão e feminilidade das mulheres.

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. (SAFFIOTI, 1987, p. 8)

Para Pierre Bourdieu (2014, p. 12), a dominação masculina e o modo como ela é imposta e vivenciada resulta em uma violência simbólica, entendida como uma violência “que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2014, p. 12).

Entretanto, o simbólico não deve ser entendido como irreal, ao passo que as suas consequências existem e são sentidas cotidianamente. Assim, a subjetividade das relações de dominação não é desprovida de uma objetividade, com a intenção de manter os privilégios atribuídos às atividades viris e objetivas, interpretadas pelo sistema de sentidos como essencialmente masculinas.

Mesmo com todas as mudanças e avanços que têm acontecido, essa hierarquização ainda se mantém, em diferentes níveis. Foi lutando contra isso que surgiu o movimento feminista, que luta por questões relacionadas às mulheres desde o século XVIII.

O estudo do feminismo é comumente dividido “ondas”, sendo que cada período tem seu contexto histórico baseado nas necessidades políticas e sociais da época. A primeira onda, conhecida também como “sufragista”, ocorreu ao longo dos séculos XVIII e XIX e teve como marco a luta pela igualdade de direito civis, como o direito ao voto. A segunda onda surgiu entre as décadas de 1960 e 1970, demandando o fim da discriminação, bem como o acesso aos postos de trabalho e igualdade salarial. A terceira onda do feminismo é centrada na discussão do conceito de gênero, ampliando a categoria mulher. (ALVES; PITANGUY, 2003).

Assim, a partir daí, os “estudos sobre a mulher” são substituídos pelos “estudos de gênero”, nos quais é necessário demonstrar que não propriamente as características sexuais, mas a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas é que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (QUIRINO, 2015. p. 231).

O conceito enfatiza que a discriminação vivida pelas mulheres não é um problema exclusivo delas ou relacionado à sua incapacidade natural, mas resultado das relações sociais entre homens e mulheres, construídas ao longo da história e que se tornam como uma ferramenta analítica que ao mesmo tempo se torna uma ferramenta política. O conceito de gênero foi ganhando centralidade e importância nas pesquisas e nas lutas feministas. Falar sobre as questões de gênero nas carreiras profissionais, e nas decisões sociais, não seria apenas dizer sobre contexto de macho ou fêmea, que delimita um órgão sexual, mas sim uma perspectiva de direitos e deveres igualitários sobre suas capacidades determinantes que valoriza o saber da mulher tão igual ao do homem como preconiza Joan Scott (2005).

Assim, a categoria de gênero se torna central para as análises acerca da realidade da mulher, bem como a noção marxista de divisão sexual do trabalho, que permite compreender o “processo de constituição das práticas sociais permeadas pelas construções dos gêneros a partir de uma base material.” (QUIRINO, 2015).

Para Hirata e Kergoat (2007), a divisão sexual do trabalho apresenta dois princípios organizadores: um deles é a separação, que estabelece o que é trabalho masculino e o que é trabalho feminino, e o outro é a hierarquia, que valoriza o trabalho dos homens, na esfera pública, desvalorizando e não reconhecendo o trabalho da mulher, na esfera privada.

Entender a divisão do trabalho como relações sociais de sexo permitiu questionar a concepção de trabalho, suas categorias, suas múltiplas divisões, que são construídas social, histórica e geograficamente; possibilitou também refletir criticamente sobre os conceitos de “qualificação, produtividade, mobilidade social, [...] competência, abrindo novos campos de pesquisas [...]” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 598).

É fato que essa divisão gênero construída na sociedade, trouxe inúmeros retrocessos. E falar das questões de gênero e não lembrar das lutas das mulheres pela igualdade de direito dentro ao desporto, é apagar da história antiga e contemporânea séculos de opressão, que se arrastam até os dias atuais ao compreender as razões pelo qual as mulheres ainda enfrentam o preconceito e a discriminação ao escolher alguma área ligada ao esporte como profissão.

### 3.1 A MULHER NO JORNALISMO BRASILEIRO

Os papéis de gênero, construídos social e historicamente, compreendem diferentes estereótipos do que significa ser homem ou ser mulher. Os meios de comunicação de massa retrataram, durante muito tempo, a “mulher perfeita”, mãe e dona de casa, submissa aos desejos do marido e filhos. Foi a partir do século XIX que os jornais começaram a apresentar conteúdos voltados ao público feminino, principalmente em moda e literatura. “Entre a literatura e as chamadas artes domésticas, o jornalismo feminino já nasceu complementar, revestido de um caráter secundário, tendo como função o entretenimento e, no máximo, um utilitarismo prático ou didático.” (BUITONI, 2009, p. 29).

O surgimento do jornalismo feminino provocou uma mudança nesse formato.

No século XIX, encontramos duas direções bem definidas na imprensa feminina: a tradicional, que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades “femininas”; e a progressista, que defende os direitos das mulheres, dando grande ênfase à educação. (BUITONI, 2009, p. 47).

As reivindicações femininas passaram a ser expostas nos jornais e revistas, abordando assuntos como educação e direito ao voto. De certa forma o jornalismo contribui para a reprodução de representações e valores dos gêneros de dominação, que acabam refletindo em um padrão heteronormativo.

Não apenas porque o jornalismo, como conhecimento social, se relaciona diretamente com os saberes legítimos e produzidos nas instâncias de poder, mas também porque a mídia participa dos processos didáticos de explicação dos conhecimentos que devem ser partilhados e tomados como norteadores da sociedade. (SILVA, 2010, p. 62).

Deste modo, podemos dizer que a mídia e o jornalismo colaboraram para o desenvolvimento do comportamento e da visão de mundo do sujeito. A maioria dos meios de comunicação, em geral, usavam dos estereótipos de gênero: assuntos sobre moda, cozinha, decoração do lar estavam sempre presentes, sendo que assim muitas dessas publicações reforçavam o padrão feminino imposto pela sociedade em geral. “As revistas femininas sempre foram poderosos elementos na construção da identidade da mulher. No reino da cultura da imagem, a aparência ajuda a produzir o que somo- ou pelo menos o modo como somos percebidos.” (BUITONI, 2009. p. 15-16).

O ingresso da mulher nesse campo profissional chegou tardio, muitas delas motivadas pela opressão vivida século XVIII e se estendeu até o século XIX, buscaram seus espaços lutando contra um sistema cheio de imposições masculinas. As mulheres que no século XIX já conseguiam dominar a escrita, colocavam no papel muitos dos sentimentos e emoções, e foi na aristocracia carioca que o Jornal das Senhoras nasceu.

Questiona-se como se deu essa “experiência ativa” no caso das mulheres envolvidas com O Jornal das Senhoras e, além disso, como se deu sua “presença social e dinâmica” no mundo da Corte Imperial no século XIX, numa sociedade assentada na economia agroexportadora de café e inserida no processo de urbanização do Rio de Janeiro. Reflete-se sobre o público de leitoras do periódico daquele instante histórico como sujeitos ativos que construíam uma relação dialógica com os artigos de jornais e folhetins, analisando-se inclusive as cartas das leitoras publicadas no jornal. (LIMA 2012, p. 397).

Esse periódico foi o primeiro jornal escrito por mulheres direcionado ao público feminino. Possuía seções de moda, belas artes, teatro, crítica, música e folhetins. O

jornal teve três redatoras-chefes durante os três anos em que circulou: Joana Paula Manso de Noronha; Violante Atabalipa Ximenes Bivar e Velasco; Dona Gervásia Neves.

O público era restrito, pois a maioria da população era analfabeta, e nem todos tinham condições de comprar o jornal, embora um leitor pudesse ler para o outro, além do alto custo para confeccionar um jornal, já que a produção exigia maquinário importado e mão de obra qualificada. Além d'O Jornal das Senhoras havia, em meados do século XIX, outros periódicos destinados ao público feminino. Essas importantes obras foram consultadas na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, desde 2006 atualmente, encontram-se em microfimes, que foram digitalizados. Esta pesquisa parte da discussão sobre gênero inserida na produção historiográfica, que desde a década de 1970 privilegiou o trabalho das mulheres, especialmente o trabalho fabril. (LIMA 2012, pg.398)

De acordo com Oliveira e Oliveira (2017), a participação feminina na imprensa brasileira “era aceita mais por uma questão financeira (mão de obra barata), do que de reconhecimento intelectual. A chegada das mulheres nas redações jornalísticas movimentou um grande estímulo nas demais mulheres que, mesmo sendo indicadas para os periódicos de menos destaque, contribuíram para a formação de uma nova consciência na classe feminina.

No Brasil a partir de 1920 já eram encontrados registros históricos contendo os primeiros dados de mulheres trabalhando como jornalistas. Rocha (2014 p.84) cita que o ingresso de mulheres no jornalismo como profissão entre 1920 e um pouco depois da crise econômica de 1930. Ainda em 1937, os jornalistas não tinham jornada de trabalho definida, não havia pré-requisitos delimitando o ingresso na atividade, não tinham férias, previdência social e nem piso salarial. O primeiro Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Brasil nasceu no Estado de São Paulo e foi fundado em 15 de abril de 1937, durante uma reunião à noite no Centro do Professorado Paulista. Participaram 52 jornalistas, entre eles Margarida Izar, a única mulher fundadora da entidade.

Aos poucos, o número de mulheres foram se tornando crescente. No dia 12 de junho de 1950, a Editora Abril lança seu primeiro exemplar da revista Pato Donald. Alguns dias depois, a editora contratou a primeira jornalista da empresa: Micheline Gaggio Frank. Quando chegou, só havia mais três funcionários na editora. Foi em Buenos Aires, onde ela trabalhava para a Editora Abril, que conheceu Victor Civita que a convidou para trabalhar no Brasil. Foi secretária de redação da revista Capricho.

Depois dela, o grupo abriu as portas para Terezinha Monteiro, filha do jornalista Jerônimo Monteiro que trabalhava na Folha e prestava assessoria para o Grupo Abril.

Segundo Rocha (2004), no final da década de 90, o Grupo Abril empregava mais de 500 mulheres. Era a maior empregadora de jornalistas mulheres do país, com um faturamento de 4 milhões de dólares por ano. Depois de alguns lançamentos, na década de 60, o Grupo Abril criou a revista Cláudia, na época em que iniciava a revolução sexual e a afirmação da mulher.

Essa revista tratava de assuntos praticamente inéditos na imprensa nacional, como menstruação, gravidez, relacionamentos homem/mulher. Foi neste período que surgiram os artigos assinados por Carmem da Silva. Micheline trabalhou durante três anos na revista Cláudia. Depois, passou pela revista Realidade, organizou o arquivo do Dedoc, participou dos lançamentos dos fascículos Bom Apetite e Mãos de Ouro. Ao todo, ela trabalhou para o grupo durante 40 anos. (ROCHA, 2004, p.87).

No dia 17 de outubro de 1969, em plena ditadura militar foi aprovado o Decreto-Lei 972, com alterações posteriores (Decreto 65.923 e Decreto 83.284), que regulamenta a profissão de jornalista e consagra a exigência de curso superior de jornalismo para o exercício da profissão. No decorrer da década de 70, teve início o processo de ingresso de mulheres na carreira de jornalismo. De acordo com dados do Sindicato do Estado de São Paulo, em 1937, ano em que a entidade foi fundada, havia 303 jornalistas associados, as mulheres não chegavam a 0,5%. Nas décadas de 40, 50 e 60 as mulheres não passavam de 5% da categoria.

A primeira presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo mulher foi Lu Fernandes, que permaneceu na gestão de 1981 a 1984. Ela tinha 27 anos, era casada e havia acabado de dar à luz quando assumiu o posto. Lu Fernandes era repórter de política do jornal Folha de São Paulo. O presidente era Emir Macedo Nogueira, mas com menos de seis meses no cargo de presidente ele morreu.

Ribeiro (1998, pág. 159), de 1981 a 1984, pegamos a pior recessão do século, pode-se dizer. E isso estourou em nossa cabeça. Mas toda crise carrega consigo um potencial de criatividade e o Sindicato se abriu em duas frentes que hoje são de grande importância no mercado: a absorção de 'frilas' e a organização das assessorias de imprensa."

Na gestão de Lú Fernandes, o Sindicato passou a aceitar como sócios jornalistas que não tivessem vínculos empregatícios em empresas

jornalísticas. No final da década de 80 e início da década de 90, aumentou o número de mulheres jornalistas em São Paulo. Segundo dados da Delegacia Regional do Trabalho, o número de mulheres supera o de homens. Enquanto em 1939 apenas 2,8% dos jornalistas na capital eram mulheres, em 1950 esse número aumentou para 7%. Chegou a 10% em 1970, 40,2% em 1980 e atingiu a maioria em 1990. Em 1995, as mulheres já constituíam a maioria: 64,8% contra 35,2% de homens. No entanto, o número registrado pelo Ministério do Trabalho não corresponde ao número de profissionais atuando no mercado. (RIBEIRO, 1998)

As diferenças cronológicas e o contexto da carreira de jornalismo repercutem nas trajetórias traçadas até hoje, nas suas expectativas, facilidades e constrangimentos. O estado de São Paulo, pode ser considerado o patrono do jornalismo no Brasil, e um dos primeiros estados do Brasil a receber as mulheres em suas editorias, muitas delas com a missão de levar informação em um país que ainda caminhava em sua formação estrutural.

## 4 O JORNALISMO ESPORTIVO

O jornalismo compreende diferentes especialidades, cada uma delas apoiadas nos gêneros para que a informação repassada seja compreensível em qualquer área, trazendo opiniões e críticas relevantes para o público interessado em determinada temática. O jornalismo especializado se consolidou efetivamente a partir da segunda metade do século XX, surgindo diversas vertentes, como o jornalismo científico, esportivo, econômico, cultural, ambiental, agrícola, entre outros, sempre transmitido por profissionais com conhecimento prévio do assunto. (BUENO, 2015).

Os primeiros jornais brasileiros, como A Gazeta do Rio de Janeiro e O Patriota, já possuíam, no século XIX, artigos divididos por temas distintos, sendo os de ciência e tecnologia os principais da época. O jornalismo especializado se pressupõe uma área de cobertura circunscrita a uma temática, um discurso “especializado”, fontes qualificadas e um nível de capacitação diferenciada dos profissionais que o produzem. (BUENO, 2015, p. 202)

No campo jornalístico, de acordo com Silveira (2009), é a divisão de assuntos em editorias e o ato de fazer matérias específicas que classifica as especializações no jornalismo, embora existam atualmente alterações neste sentido, em função de novos arranjos advindos do jornalismo digital. O jornalismo especializado possui duas funções: orientar o indivíduo e agregar a audiência conforme suas afinidades, “ao invés de tentar nivelar a sociedade em torno de um padrão médio de interesses que jamais atenderia à especificidade de cada grupo”. (SILVEIRA, 2009, p. 49).

A separação do jornalismo em temas especializados tem relação, também, com o capitalismo, já que tais especificações conseguem atingir grupos menores com mais facilidade, ou seja grupos de interesse por determinado assunto. “É uma estratégia que gera lucros mais eficazes e uma resposta à demanda por informações direcionadas, característica da formação das audiências específicas”. (SILVEIRA, 2009, p. 48).

O desenvolvimento do jornalismo especializado está relacionado a essa lógica econômica que busca a segmentação do mercado como uma estratégia de atingir os grupos que se encontram tão dissociados entre si. O jornalismo especializado serve de “termômetro da gama de interesses das mais diversas áreas”, ou seja, pode ser considerado como uma subárea do jornalismo do dia a dia, ou “geral”, feito por profissionais qualificados de uma determinada área. (ABIAHY, 2000, p. 5-6).

É possível conceber o jornalismo especializado como propensão a aperfeiçoar as técnicas de reportar os assuntos, concedendo a eles maior profundidade e atendendo às necessidades sociais.

O jornalismo especializado seleciona o tema e amplia sua perspectiva, acompanhando as mudanças sociais, o surgimento de novas tecnologias, a evolução dos meios de comunicação e as novas perspectivas culturais e científicas na denominada sociedade da informação (BAHIA, 1990).

Normalmente, os temas referentes ao jornalismo especializado estão localizados em espaços (páginas, veículos, programas, portais, etc.) próprios e todo profissional que se identifica com a área esportiva precisa ter em mente que o importante é respeitar a cronologia dessas informações construídas e se qualificar para essa responsabilidade.

O jornalismo esportivo é uma das editorias, que retrata sobre o jornalismo especializado, empenhado em noticiar sobre todos os assuntos relacionados ao cenário esportivo. Uma das áreas jornalísticas que mais tem crescido nos últimos tempos, e está em constante procura por profissionais que tenham além do conhecimento técnico, também o jeito peculiar de transmitir as informações esportivas a um público cada vez mais exigente e consumidor de todo o tipo de tecnologia em busca das informações do seu interesse. O noticiário esportivo, “é muito mais que informar, influencia, já que incidem sobre sua prática muitos aspectos provenientes de outros campos (da psicologia, da medicina, marketing, política, religião, imprensa, etc.)”. (BORELLI, 2002, p. 14).

O jornalismo esportivo envolve, entre outras atividades, cobertura de grandes eventos como campeonatos locais, nacionais, internacionais, Jogos Olímpicos, Copas do Mundo, treinos, contratações de jogadores e técnicos, resumo dos principais momentos da rodada de um jogo por exemplo ou acompanhamento entre as modalidades. Também acompanha “as instituições que geram produtos e fatos (comitês olímpicos, federações esportivas, clubes, torcidas), as políticas públicas para a área (Ministério do Esporte, secretarias do Esporte, construções de estádios, quadras e áreas de lazer) e o dia-a-dia do setor.” (BARBEIRO; RANGEL. 2006, p. 13).

Na cobertura esportiva, o domínio masculino permaneceu por muito tempo, sendo Maria Helena Rangel considerada a primeira jornalista mulher do segmento esportivo brasileiro, juntamente com a fotógrafa Mary Zilda Grassia Sereno, atuando

na primeira metade do século XX. Na televisão, Claudete Troiano e Luciana Mariano, que atuaram como narradoras nos anos de 1980. Outras duas jornalistas consideradas pioneiras no campo dos esportes no Brasil foram Mylena Ciribelli Isabela Scalabrini, que também na década de 1980 passou atuar no Globo Esporte da TV Globo, cobrindo matérias de diversas modalidades exceto futebol que ainda era considerado de exclusividade masculina. (RAMOS, 2010; BAGGIO, 2012).

Outra pioneira na cobertura esportiva foi a repórter Kitty Balieiro integrou a equipe de esportes da TV Globo no início de 1983, com passagens também pelo SBT e pela Record. Trabalhou durante 17 anos na ESPN Brasil chegando a editora executiva e chefe de redação. Balieiro cobriu os Jogos Olímpicos de Los Angeles, Seul, Barcelona, Sidney e os Jogos Pan de Winnipeg onde, em 1999, foi chefe de reportagem em uma equipe praticamente só de mulheres da ESPN. Em 2002 durante a Copa do Mundo no Japão, Fátima Bernardes deixava a bancada como apresentadora do Jornal Nacional, para se dedicar a cobertura das reportagens especiais da seleção brasileira. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017).

Mesmo com alguns avanços, a atuação das mulheres no jornalismo esportivo ainda se restringe a determinadas áreas.

O aumento da presença feminina no jornalismo esportivo na televisão nas últimas duas décadas não significou grandes mudanças na rotina das redações, o papel das mulheres ainda está restrito em alguns programas televisivos ao domínio masculino. Elas podem apresentar programas, fazer algumas matérias sobre determinados esportes, mas dificilmente encontram espaços para comentar, opinar e falar o que acham certo no esporte brasileiro ou narrar eventos esportivos. (RIGHI, 2006, p. 32).

O Jornalismo esportivo desafia a atuação profissional feminina, seja nas reportagens, apresentações, comentários, narrações e até mesmo com as próprias atletas. O cenário tem mudado, isso é fato, mas junto com todas as mudanças, crescem cada vez mais também os movimentos que se alastram pelo país, em busca de respeito à essas profissionais. Com a internet cada vez mais próxima da população, as informações ganham agilidade, e no caso de ataques de *haters* (inimigos virtuais) que desferem comentários machistas, com requintes de ódio, preconceitos e discriminação mulheres que decidiram falar de esporte.

Para provar a todo instante que têm competência para falar de esporte no nível de um homem, ou melhor do que eles. Mas, no debate da TV, elas são tratadas como "musas" ou como "café com leite", quando a discussão entra em um patamar de profundidade de esquemas táticos, lei do impedimento e afins. Já no dia a dia, entre gracejos de jogadores e ameaças nas redes sociais, as jornalistas que expõem seus rostos e comentários na tela confrontam uma enraizada cultura machista. Para aquelas que empunham microfones em estádios, ouvir xingamentos é um triste padrão. (FREITAS; MONTAGNANA; CARNEIRO, 2016).

Parte do problema enfrentado por algumas profissionais no exercício de suas funções como jornalistas esportivas, inclui o machismo e as ofensas diárias, expressos numa série de colocações pejorativas direcionadas à essas mulheres, como insultos nas redes sociais, e até mesmo direcionado diretamente a elas quando estão presentes em campo ou nas arenas esportivas.

A onda de indignações entre as mulheres, mesmo em quem não é do segmento esportivo, contribuiu para viralizar a #Deixaelatrabalhar. As jornalistas esportivas que foram para frente as câmeras e gravaram de cara limpa um vídeo relatando parte do que ouvem e leem quando estão trabalhando, o material foi publicado na internet com duração de 2 minutos de 29 segundos. Para impactar ainda mais as profissionais divulgaram imagens com agressões, relatos e matérias jornalísticas que denunciam os casos, comentários ofensivos em redes sociais, com uma narração de vozes masculinas distorcidas que ofendem as jornalistas com palavras chulas, questionamentos sobre suas capacidades e profissionalismo. O vídeo é encerrado com uma tela preta e, em caracteres brancos, #DeixaElaTrabalhar. O manifesto, inicialmente contou com 52 mulheres jornalistas esportivas, e se transformou em um coletivo que passou a receber e denunciar casos semelhantes. O coletivo tem página no Facebook e perfis no Twitter (@deixaelatrab) e Instagram (@deixaelatrabalhar) onde atualmente alcança cerca de 20.325 seguidores.

#### 4.1 O JORNALISMO QUE FORTALECEU O JORNALISMO ESPORTIVO EM BELÉM

O início do século XX presenciou a *belle époque* belenense, impulsionada pela expansão econômica promovida pela exploração do látex. A cidade de Belém viveu a modernização e o crescimento urbano, e os clubes esportivos nasciam em

Belém agregando os membros da elite paraense e transformando esses núcleos esportivos em pontos de encontro e convivência das elites.

O crescimento do cenário esportivo no Pará proporcionou a ascensão de novos sujeitos no Pará, os *sportmen*, que significava ser seguidor do modelo de vida baseado nos padrões europeus de defesa do discurso de progresso e civilização. No cenário esportivo além de caber ao *sportmen* ser praticante de modalidades esportivas, também significava estar dentro do cenário esportivo defendendo a evolução dos esportes, papel que cabia exatamente a aqueles que eram os responsáveis por divulgar jornalisticamente os acontecimentos da cidade esportiva, os cronistas esportivos. (MATOS, 2012, p.3).

A imprensa esportiva cobria as provas de regata, natação e hipismo, bem como os jogos de futebol e outros esportes, sem haver uma profissionalização específica ou mesmo um maior espaço nos jornais. A ausência de uma estrutura financeira ou mesmo de um público cativo não impediu que publicações como “A Semana”, “O Estado do Pará” e “A Folha do Norte” alcançassem uma boa popularidade.

Antes aqueles que cobriam as modalidades esportivas eram homens que normalmente já tinham outras ocupações e somente no fim do dia se direcionavam as redações dos periódicos para escreverem sobre os eventos esportivos na cidade, principalmente o futebol. No início da década de 30, a crítica esportiva começa a se fortalecer através de suas sessões nos jornais e também de outra maneira como as divulgações de manuais futebolísticos com o objetivo de divulgar o esporte e assim pedir a sua modernização e profissionalização. (MATOS, 2012, p. 4).

A pesquisa realizada para esse trabalho permitiu perceber como a cobertura dos esportes em Belém passou a ter uma predominância aos eventos futebolísticos e em nenhum momento da história da imprensa na capital paraense, a presença da mulher é citada como responsáveis na elaboração dos conteúdos de reportagens como profissionais atantes da informação esportiva ou de qualquer outra editoria.

Existem muitas controvérsias sobre a imprensa do Pará, e uma dessas incógnitas faz referência a Emília Vieira Lima, um dos poucos nomes citados e que destacam a mulher na imprensa paraense e que pode ter sido uma das primeiras a ingressar no cenário, testemunhando da força do jornalismo nortista. Não existem muitos documentos que fale sobre ela, porem em uma extensa varredura nos antigos arquivos digitais que hoje estão incluídos no acervo da Fundação Cultural do Pará.

Emília Vieira é citada pelo historiador Aldrin Moura Figueiredo da Universidade Federal do Pará em uma de suas pesquisas sobre a imprensa paraense (2005).

A especialidade do jornal também poderia ser vislumbrada na metáfora da divisa que vinha estampada na primeira página. A maioria das gazetas preferia citações clássicas que quase sempre retiradas de autores conhecidos da literatura universal, citada na língua original. Na época na cidade de Abaetetuba, o jornal O Progresso, criado em 1905, redigido por Anthunio Vieira e Dona Emília Vieira, trazia a máxima *Labor omnia Vincit* (O trabalho que vence tudo), do poeta latino Virgílio. Na mesma cidade, O Progresso Abaeté, publicado no ano seguinte, sob comando da tipografia de Barros e CIA trazia provérbios em francês, de origem latina, alguns deles pode ser visto - "*Vouloir c'est pouvoir* (Querer é poder), variando, nas edições subsequentes, a língua e até a forma pelo qual a mesma divisa era express. (FIGUEIREDO, 1989, p 259).

Porém se o nome dessa jornalista é mesmo Emília Vieira, existe a hipótese de que seu nome se confunda com o de Elmira Lima, que também era jornalista e poetisa, com data de nascimento de 1898 com falecimento em 1955, citada pelo jornalista Iva Muniz (2020), que destacou na época o importante legado deixado por mulheres em Belém em comemoração ao dia 08 de março e foram citadas durante uma exposição sobre mulheres que fizeram história de destaque ao estado do Pará, prioritariamente a cidade de Belém, incluído também a força da imprensa.

Considerando uma segunda hipótese, existe nos fragmentos históricos apresentados pela Fundação Cultural do Pará (FCP) que pioneira do jornalismo paraense tenha sido Elmira Vieira Lima, sua história é marcada com grande participação na disseminação das informações, mas há de se observar se forem as mesmas pessoas, Emília pode ter começado ainda criança a escrever para a imprensa paraense, e assim fazendo nascer uma terceira hipótese, ao ser citada pelo Portal 500 Anos Atrás Dos Panos, onde como Elmira Ribeiro Lima é mencionada com data de nascimento no ano de 1904 e data de sua morte não divulgada, não poderia ter participado dos movimentos de revolução da Cabanagem, um dos mais fortes movimentos pós Independência do Brasil e liberdade do poder de informação do Pará e nem ter escrito artigos para o Jornal O Progresso com registro de 1905, pois ao ser considerado as mesmas pessoas, Elmira então teria apenas 01 de idade.

Mas se tratando de Elmira Ribeiro Lima, existem dados que apresenta a jornalista como ativista política, feminista e poetisa. Natural de Manaus (MA), ao mudar-se para Belém (PA), filiou-se à Liga Feminina Lauro Sodré,

escrevendo artigos que tratavam da emancipação feminina. Casada com Arquimino de Lima, convertem-se ao espiritismo, fundando o Centro Espírita Caminheiros do Bem, usando seus talentos para a propagação da doutrina; sem, no entanto, abandonar a luta pelas causas feministas. (PORTAL 500 ANOS ATRAS DOS PANOS)

A Fundação Cultural do Pará, possui um acervo digital de centenas de escritores que fizeram parte da construção da imprensa e literatura paraense, e uma dessas personalidades apresentadas no Portal Obras Raras, é Ester Nunes Bibas, natural de Vigia, cidade do interior do Pará, com data em 5 de junho de 1888 e seu falecimento registrado em Belém do Pará, 27 de outubro de 1972 foi uma escritora brasileira. Filha de Gratuliano da Silva Nunes e da professora Constantina da Costa Nunes, era de grande prestígio em sua cidade natal. Tendo como parentes, o tio também professor Bertoldo Nunes e, o primo, o poeta Tomás Nunes. Estudou na antiga Escola Normal do Pará, formando-se em 27 de novembro de 1908.

Durante o governo de Augusto Montenegro trabalhou no colégio Progresso Paraense. Ensinou em vários colégios do estado e também atuou como diretora. Recebeu várias medalhas de honra ao mérito, inclusive a comemorativa do centenário da Escola Normal. Também recebeu o título de Professora do Ano oferecido pela Sociedade Paraense de Educação. A Câmara Municipal de Belém, em sessão solene, lhe outorgou, em 1960, o título de Honra ao Mérito.

Escreveu para os jornais: A Província do Pará, Folha do Norte, O Estado do Pará e em revistas da época. Escreveu livros para as cinco séries que receberam o nome de Páginas Brasileiras, impressos em São Paulo, na editora Brasil. Uma das suas obras tem “Rimas do Coração: poesias.” Belém:[s.n.], 1958.

Essas mulheres romperam um tempo em que a mulher não era vista com grande autonomia, muito mesmo poder de opinião, mas se tornaram lendárias em meio a tantas revoltas políticas marcadas no período em que viveram. A cidade de Belém foi testemunha do marco da chegada da imprensa na região Norte do Brasil e pelas mãos dessas duas mulheres mencionadas aqui, embora possam ter havido mais mulheres, mesmo que não tenham dito a oportunidade de estarem registradas em acervos, sejam elas quem foram, detalham um período delicado da história do país.

Lima (2016, p.255-256) reforça em dizer que a cidade de Belém ficou marcada pela presença de cerca de 42 jornais entre o período de 1821 a 1862”. A partir disso,

em janeiro de 1821, surge aos moldes do “Correio Braziliense”, a “Gazeta do Pará” que era organizada e publicada em Lisboa.

Este jornal valorizava as notícias da corte portuguesa e, segundo Coelho(1993), não apresentava características de periódico por se configurar enquanto documento impresso que visava “divulgar os eventos relativo à proclamação da ordem constitucional metropolitana na então Capitania do Pará (...)”O “Gazeta do Pará” era o instrumento de Felipe Patroni de tornar público a importância de uma constituição para o Estado e seus cidadãos, inclusive o jornal é citado em vários documentos redigidos no acervo digital da Fundação Cultural do Pará. Antônio Lemos, político brasileiro com base eleitoral no estado do Pará, foi intendente de Belém entre 1897 e 1911 e que estão em um dos acervos da Fundação Cultural do Pará.

Mas embora não faltem controvérsias e polêmicas sobre o surgimento da imprensa, o aparecimento do primeiro prelo ocorreu por intermédio de “João Francisco Madureira que, em 1820, abriu, moldou e fundiu caracteres e construiu o torculo (...) amparado em algum dinheiro, conseguido por subscrição pública” e adquirindo autorização governamental em 28 de maio do mesmo ano para “imprimir pequenos avulsos” ( LIMA, 2016)

Lima (2016, p. 251) aponta ainda que as origens da imprensa paraense remontam ao ano de 1822, quando Filipe Patroni, intelectual pertencente à pequena burguesia do Grão-Pará e estudante em Coimbra entre 1816 e 1820, criou em Belém ‘O Paraense’” aproveitando-se das novas condições de “liberdade de imprensa” no Brasil daquela conjuntura. “O Paraense” teve sua primeira edição publicada em 22 de maio de 1822 e foi impresso numa máquina trazida da Europa por Felipe Patroni, Daniel Garção de Melo entre outros sócios.

A linha editorial do jornal foi marcada pela luta em defesa da liberdade (incluindo a liberdade de imprensa) e Independência do Brasil, sendo esta última fortemente evidenciada no período em que assume a direção do jornal o Cônego Batista Campos. Com a adesão da então Província do Pará à Independência do Brasil, em 1823, o jornal deixa de existir.

Antes da Cabanagem, em julho de 1834 circulava no Pará o “Correio Oficial Paraense” que era dirigido pelo padre Gaspar de Siqueira Queiroz, era impresso em uma tipografia em Belém. Seu objetivo era publicar atos do governo, mas durou pouco, cerca de seis meses apenas, pois Província do Grão Pará foi tomada pelos

cabanos, tendo a data 7 de janeiro de 1835 como o fim de sua publicação. Depois da retomada da cidade de Belém pelas forças do Império em 13 de maio de 1836, surgiu um outro periódico intitulado “Treze de Maio”, o lendário jornal é um dos mais citados em pesquisas acadêmicas pois marca um dia memorável na história do Brasil, serviu de tribuna para liberais e conservadores até 1862, quando o jornal é encerrado.

Luciano Demetrius B. Lima (2016), cita as pesquisas de Manoel Barata (1973) em sua dissertação, ao relatar sobre os conflitos que Cabanagem trouxe a região norte, e como a imprensa foi importante um período marcado por conflitos entre 1835 e 1840 na região Norte.

O historiador Manoel Barata (1973) cita um questionamento sobre o periódico cuja a criação e a própria denominação interagem com a reconquista de Belém pelas forças militares do Governo Central, e passou a se constituir, a partir da década de 1840, em um dos principais baluartes da difusão de uma memória anticabana na Província do Pará? Através de quais discursos, esse jornal, denominado Treze de Maio, cujo primeiro número, propositalmente, passou a circular na Cidade do Pará no “dia 13 de maio de 1840, e o último em 31 de outubro de 1862” (LIMA 2016)

Lima (2012, p .253) enfatiza por outro lado, sendo importante ressaltar que, mesmo antes da eclosão da guerra cabana e da repressão desencadeada contra a imprensa paraense nessa conjuntura, grande parte dos 254 periódicos que surgiram, independentemente das concepções político-sociais que seus redatores ou articulistas professavam, foram caracterizados por uma efêmera existência ou circulação. As questões responsáveis por esse rápido desaparecimento de grande parte das folhas que circularam na província do Pará necessitam de estudos mais específicos, pois grande parte dos “trabalhos produzidos pela pesquisa histórica regional sobre as primeiras horas da imprensa no Pará, ficaram cingidos com fontes residuais e fragmentárias.” (COELHO, 1989).

Em 1853 foi registrada a fundação do primeiro jornal de circulação diária e de maior duração do século XIX, o Diário do Grão-Pará. O Pará passou a ter efetivamente o estabelecimento de uma imprensa na região e outros jornais diários passaram a ser criados, onde a maioria era para externar posicionamentos políticos e com o tempo que os jornais começaram variar em editorias, ter mais pessoas trabalhando, aumentaram o número de páginas e se consolidava em imprensa. (SEIXAS, 2013, p 283).

Em 1822, surgiu o primeiro jornal da então chamada Província do Grão-Pará, O Paraense o que soma cerca de 200 anos do aparecimento da imprensa em Belém,

quando o primeiro jornal passou a circular e ganhou o nome de "O Paraense", impresso na máquina de tipografia trazida de Portugal, pelo advogado Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente.

Há 200 anos, numa quarta-feira, dia 22 de maio de 1822, começava a circular na província do Grão-Pará, o que hoje corresponde ao território da Amazônia, o jornal "O Paraense", primeiro jornal impresso de Belém, do Pará, da Amazônia brasileira e o quinto do Brasil. O periódico foi viabilizado pela máquina de tipografia trazida de Portugal, pelo advogado Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, que saiu de Belém para estudar na cidade de Coimbra, em Portugal. Já de volta as terras paraenses, Patroni passou a editar o jornal pioneiro sob influência da Revolução Liberal do Porto e a instituição da Lei de Liberdade de Imprensa em Portugal, em 4 de julho de 1821, momentos determinantes na convicção político-intelectual de seu fundador. Em sua primeira edição, O Paraense trouxe parte da lei editada por Portugal falando da liberdade de expressão. (SEIXAS, 2013, p 283).

Segundo a professora Netília Seixas (pg 283-300, 2013), O Paraense possuía a uma linha editorial liberal, defensora da ordem constitucional e da autonomia brasileira frente ao domínio lusitano, o que incomodou os líderes da época. Quando chegou em Portugal, em 1821, Felipe Patroni começou a se interessar por questões políticas e daí ele começou a publicar em jornais de Lisboa. Nesse momento acontecia algo que foi chamado de Movimento Vintista, que teve origem na Espanha, pregava a liberdade de imprensa, liberdades individuais, ou seja, uma outra forma de se portar principalmente no trato da liberdade de expressão. Com a criação do jornal O Paraense o ataque ao governo da província e a elite que apoiava o Governador das Armas, era iminente.

Para se verem livres de Felipe Patroni, o governo da província faz com que Portugal emitisse a uma carta de prisão contra o editor d'O Paraense que foi preso e levado para a Fortaleza de São Julião, em Lisboa. Neste momento, o cônego João Batista Gonçalves Campos assume o jornal no lugar de Patroni. "Felipe Patroni tinha uma veia iluminista, já o Batista Campos não, ele tinha um linguajar claro, sem o apoio de grandes autores que Patroni buscava, ambos apresentando concepções de como deveria ser a administração da província, uma administração mais próxima da população. Após o editor Batista Campos ser também preso, o cônego Silvestre Antônio Pereira da Serra ficou à frente d'O Paraense. Por conta das críticas ao governo da época, o jornal pioneiro foi publicado até a 70ª edição, sendo empastelado em fevereiro de 1823 após provocar as autoridades militares pró-domínio português. Em seguida, O Paraense deu lugar ao jornal Luso Paraense que publicava as questões do governo. ( SEIXAS, 2013)

De acordo com a professora Netília Silva dos Anjos Seixas, de 1820 a 1850 foram criados 105 jornais em toda província, período que representa o estabelecimento da imprensa no Pará. O aumento desses jornais da década de 1920 foram 11 jornais criados, na década de 1930 foram 29, já na década de 1940 o número que aparentemente diminuiu devido o período pós-cabanagem, mas os jornais ainda existiram em número menor. Na década de 1950 esses números voltam a aumentar para 44 jornais, momento de divisão da província, criação da província do Rio Negro (Amazonas) e a província do Pará. Um fenômeno geopolítico onde a imprensa também enfrentou grandes mudanças. O primeiro jornal impresso criado no interior do Pará, teria sido registrado no município de Vigia e pode ter sido nesse jornal que a primeira mulher jornalista paraense talvez tenha dito sua contribuição como já mencionado no capítulo anterior, onde é citado a escritora e poetisa Ester Nunes Bibas.

E após essa escritora o quem vem depois? Dentro de uma observação todo o movimento histórico no qual Belém teve forte contribuição na formação da imprensa do Norte e até mesmo a nível Brasil é preciso saber que o jornalismo era usado como uma questão latente por grandes mudanças sociais do Pará, mas onde as mulheres puderam contribuir nisso tudo? Desde o final do século XIX marcado pela criação de jornais que se tornaram referência para a região, como o jornal A Província do Pará (1876-2002), considerado o periódico de maior duração do Estado, e o jornal Folha do Norte, segundo jornal de maior duração do Pará, lançado em 1896 e encerrado em 1974, um ano depois de ter sido comprado pelo empresário Romulo Maiorana, nascendo então o jornal O Liberal, classificado como jornal de maior duração do século XX como cita a professora e pesquisadora Netília Seixas (2013), porém mesmo resistindo a tantas mudanças entre elas de produção com o advento da tecnologia, mas a presença feminina nas editorias esportivas por exemplo pode não ter caminhado no mesmo ritmo de evolução e a chegada delas pode ter iniciado apenas com a chegada do século XXI.

Há de ser feito um comparativo do curto período de publicação, O Paraense é fundamental para a história da imprensa no Pará, marcada em toda a sua existência por uma conflituosa relação entre política e mídia impressa, como se pode observar também a propósito de outros periódicos que o sucederam, como a Sentinella Maranhense na Guarita do Pará (1834), o Diário do Gram Pará (1853-1892), A

Província do Pará, (1976- 2002), a própria Folha do Norte (1896-1974) e, mais recentemente, já no século XX, O Liberal (1946-atual).c

Após o fim de O Paraense, outros jornais o sucederam, alternando-se entre apoiar o governo brasileiro ou a Corte portuguesa. Isso porque a Independência do Brasil só foi reconhecida na Província do Grão-Pará em agosto de 1823, quase um ano depois, evidenciando a forte ligação da Província com Portugal, em vários sentidos. E a imprensa da época refletiu, ativamente, esse movimento. Embora outros jornais tenham sido publicados nas décadas posteriores, poucos restaram para nos trazer seus vestígios de um tempo já passado.

Em 1835, explodiu a revolta da Cabanagem, com a tomada da cidade pelos revolucionários cabanos, declarando independente a Província do Grão-Pará. Em 1836, a cidade de Belém é retomada pelas forças imperiais, visando conter o movimento, e a imprensa (revolucionária e política) foi quase extinta. Nessa ocasião, jornalistas e donos de jornais são atores não só da história da imprensa, mas também personagens importantes na história da Província: eles representam a relação direta entre os primeiros jornais e as lutas políticas da região.

O primeiro jornal de circulação diária da Província do Grão-Pará e da Amazônia ocorreu em 1853. O Diário do Gram-Pará foi fundado por José Joaquim Mendes Cavalleiro e trazia crônicas diárias, humorísticas, políticas e circulou até 1892. Em 1876, surgiu A Província do Pará, criada por Joaquim José de Assis, Antônio Lemos e Francisco de Souza Cerqueira. Em 1896, foi a vez da Folha do Norte, fundada por Enéas Martins e Cypriano Santos.

O Paraense (1822-1823), o Treze de Maio (1840-1862) e o Diário do Gram Pará (1853-1892) podem ser apontados como jornais significativos para a história da região no século XIX. Já A Província e a Folha são os dois impressos diários mais duradouros do estado.<sup>49</sup> Nesse caso, na trajetória da imprensa paraense, os dois jornais podem ser considerados como os mais marcantes ao longo do século XX, exercendo posições rivais em vários momentos, motivadas pelos apoios políticos.

A partir dessas considerações, uma lista desses periódicos, organizada através de fontes diversas, pode ser observada da seguinte forma:

Lima (2016, pg. 255-256) que cita como fonte para a elaboração desse cronograma de tempo: BELLIDO, Remijio de. Catalogo dos jornais paraenses 1822-1908. Belém: Imprensa Official, 1908. CARVALHO, Alfredo de. Gênese e progressos

da imprensa periódica no Brasil. In: Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. Parte I, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908. BARATA, Manoel. Formação Histórica do Pará: obras reunidas. Belém: UFPA, 1973. p. 225-236. COELHO, Geraldo Mártires. Anarquistas, demagogos e dissidentes: A imprensa liberal no Pará de 1822. Belém: CEJUP, 1993. SALLES, Vicente. Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político revolucionário no Grão-Pará. Belém: CEJUP, 1992. p. 72 -122. E do jornal Treze de Maio Nº 100. 06/05/1841. p. 2-3.

Também no interior do Estado, segundo o jornalista Paulo Roberto Ferreira, houve vários periódicos que surgiram no século XIX, a citar: na cidade da Vigia, "O Vigiense" (1852), "O Vigilante" (1876) e "O Liberal da Vigia" (1877); em Santarém, "O Tapajoense" (1855), o "Monarchista Santareno" (1857) e o "Baixo Amazonas" (1872); e na cidade de Cametá, foi "O Conservador" (1859), "O Liberal" (1861) e "O Cysne" (1877). O surgimento desses periódicos está ligado ao próprio desenvolvimento das cidades, fruto do povoamento ao longo dos rios e também em consequência da interiorização do movimento da Cabanagem, que levou para essas cidades as publicações feitas na capital, repletas dos ideais republicanos. (CORRÊA, CLAUDINO, COSTA, 2019, pg.257)

Com o advento da República, em 1889, o jornal "A Província do Pará", fundado em 25 de março de 1876 por Joaquim José de Assis (redator), Francisco de Souza Cerqueira (tipógrafo) e Antônio Lemos ganha a primeira máquina rotativa em 1897, a impressora francesa Marinoni, e inaugura uma nova era no jornalismo regional. "A Província" posicionava-se a favor da luta contra a escravidão, ocasionando em um incêndio de sua sede no ano de 1912, pelos opositores políticos de Antônio Lemos. "A Província do Pará" foi publicada durante mais de 100 anos, aproximadamente, período este marcado por várias paralisações ora por motivos políticos, ora por motivos financeiros.

Um outro jornal, que também merece destaque é a "Folha do Norte", fundada, em 01 de janeiro de 1896, por Enéas Martins e que tinha como objetivo principal combater a política de Antônio Lemos, e sustentar as ideias do Partido Republicano Federal, chefiado por Lauro Sodré e depois por Paes de Carvalho. Foi o principal opositor de "A Província do Pará" e dominou o jornalismo paraense no final da República Velha. (CORRÊA, CLAUDINO, COSTA, 2019, pg.257)

Se comparado ao passado com o que foi se construindo ao longo dos anos, o jornalismo na capital do Pará, é fato dizer que a imprensa foi resistente, mas é possível perceber que o jornalismo esportivo ficou perdido em meio a tantas questões sociais

e políticas, e assim se conclui talvez poucos relatos de um jornalismo especializado em esporte em Belém, afinal a política era predominante e se comparar o período com a ascensão feminina, naquela época dificilmente a mulher era bem vinda nas rodas de decisões financeiras, políticas e de construção social a que dirá participar da produção da notícia e pior ainda de conteúdos específicos em esporte.

Assim algumas respostas começam a surgir, quando apenas nos anos 2000 que a presença feminina passa a ser vista nas coberturas esportivas em Belém, onde pode ser percebida nos cadastros da Associação de Cronistas e Locutores Esportivos do Pará (ACLEP), no ano de 2022. Mas de lá para cá os números não cresceram de forma expressiva, tamanha disparidade é observada sobre a quantidade de jornalistas mulheres cadastradas no quadro da entidade possui um total de 160 profissionais da comunicação esportiva, entre jornalistas, fotógrafos, narradores e etc, para terem acessos aos eventos esportivos realizados na capital Belém, onde a curvatura destaca que desse total, 148 são homens e apenas 12 são mulheres.

Obviamente esses dados não podem exprimir a realidade da capital como um todo, mas servem como parâmetro daquelas mulheres consideradas aptas a desenvolverem suas atividades pelo conhecimento técnico e autorizadas a produzir conteúdo sobre esporte.

## 5 A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DAS JORNALISTAS DE BELÉM DO PARÁ

A história retratada pelo crescimento da imprensa paraense é marcada por fragmentos de lutas e disputas, mas assim como apresentados em capítulos anteriores e novamente sendo reforçado neste capítulo, não foi possível identificar a presença de mulheres atuantes no jornalismo paraense de forma direta e com autonomia, e quando mencionado sobre o jornalismo esportivo pode ser ainda mais indagador. Os primeiros registros de informações se baseiam a presença de mulheres em coberturas esportivas em Belém somente a partir dos anos 2000, e surgiram durante as partidas de futebol, apesar da expansão do mercado digital, a era das redes sociais, a liberdade para compartilhamento e criação de conteúdo, ainda assim, identificar a presença feminina nas redações esportivas é um desafio diário.

A exigência do diploma já deixou de ser obrigatoriedade e na cidade de Belém, por exemplo, não possui especialização em jornalismo esportivo, grande parte dos profissionais atuantes contam com a experiência adquirida ao longo da vida para mostrar técnicas e conhecimento ao falar sobre esporte, o que para as mulheres pode ser um tanto desafiador, pois raramente elas tem as mesmas oportunidades de apresentar conhecimento na prática, já que muitas empresas ainda carregam a política de acreditar que apenas os homens entendem de esporte e assim o círculo vicioso da disparidade de gênero continua e segue atingindo as editoria esportivas. (OLIVEIRA, 2022).

Além da escassez de oportunidade no mercado de trabalho, para ter a chance de trabalhar no jornalismo esportivo de Belém, as jornalistas precisam lidar com afinal a cidade oferece poucos espaços nas empresas de comunicação e as veteranas como a Rede Cultura (empresa estatal), até abre espaços para os programas esportivos, inclusive possui o direito de transmitir os jogos do Parazão<sup>1</sup>, mas boa parte dos funcionários que já estão, não se arriscam a sair e correr o risco de voltar ao mercado de trabalho para enfrentar os mesmos desafios de encontrar um nova chance de recomeçar.

Algumas emissoras que possuem a outorga para fins comerciais e assim podem fazer o uso da veiculação esportiva em suas grades de programação, é

---

<sup>1</sup> **Parazão:** O Campeonato Paraense de Futebol por contrato Campeonato Paraense Banpará (também chamado de "Parazão Banpará") é a principal competição de futebol disputada no Estado do Pará, norte do Brasil. É dominado pelos times Paysandu e Remo, que estão entre os cinco maiores campeões estaduais de futebol do Brasil.

necessário citar a RBA TV, pioneira do estado com programação esportiva. Um conglomerado de empresas de comunicação genuinamente paraense, e com seus 33 anos de existência no mercado jornalístico de atuação no estado do Pará, em Belém investe constantemente em programações esportivas e realiza também as transmissões exclusivas dos jogos do Campeonato Paraense.

Outras emissoras como a TV Grão Pará, afiliada da TV Gazeta/São Paulo, a TV Liberal do Grupo ORM<sup>2</sup>, afiliada da Rede Globo oferecem a oportunidade de programação esportiva, porém retransmitem durante a exibição dos principais telejornais, Bom Dia Pará, JL1ª edição e JL2ª edição, apenas um resumo dos resultados dos jogos ou alguma reportagem que seja de interesse público relacionado a editora, até porque a emissora precisa cumprir à risca as programações da matriz nacional, ou seja, jornalismo esportivo na íntegra em grande parte, só é possível quando incluído na íntegra no jornalismo nacional. Entretanto o Grupo ORM (TV Liberal/ Rede Globo) possuem outros veículos, como emissoras de rádio e websites a oportunidade de apresentarem mais informações sobre as competições vigentes em um determinado período

Emissoras nacionais e que possuem filiais no estado e que entram na lista, a TV Record Belém<sup>3</sup>, RedeTV/ Belém<sup>4</sup> e SBT Belém<sup>5</sup>, no qual incluem em seus principais telejornais, informações resumidas sobre esportes, por meio de conteúdos de reportagens, mas não possuem uma versão local de programas exclusivos para a determinada editoria tema.

Já as emissoras de rádio que se empenham em programação esportiva, também não vislumbra na maioria delas a presença de mulheres, embora transmitam competições e se dedicam a falar de esporte, mas ter a presença de mulheres, pode ser apenas recomendado em momentos esporádicos como narradoras e repórteres especiais durante os jogos e boletins informativos. Nesta lista pode ser citado a rádio Clube AM<sup>6</sup>, referência no estado em transmissões esportivas, mas a presença de jornalistas mulheres no segmento esportivo no Pará ainda é minoria durante as transmissões radiofônica nem é mencionado a presença delas no site das emissoras.

---

<sup>2</sup> <https://redeglobo.globo.com/pa/tvliberal/>

<sup>3</sup> <https://recordtv.r7.com/recordtv-emissoras/norte/record-tv-belem>

<sup>4</sup> <https://www.facebook.com/redetvbelem47/>

<sup>5</sup> <https://www.facebook.com/redetvbelem47/>

<sup>6</sup> <https://radioclube.dol.com.br/categoria/esporte/para/#>

Antes da Covid-19 já não era grande, e com a chegada da pandemia piorou, porque alguns veículos de comunicação, ou acabaram com suas equipes ou reduziram o quadro consideravelmente. Isso colaborou também para a redução das profissionais femininas, que já eram relativamente pequenos o número delas atuantes na imprensa esportiva de Belém. (OLIVEIRA, 2022).

A quantidade de mulheres apresentadas no cadastro das empresas de comunicação esportiva belenense, segundo dados da ACLEP, não chega a 20 profissionais.

Getúlio Oliveira – Presidente da ACLEP ( 2022) cita que na RBATV são duas: uma editora e uma apresentadora; Na Rádio Clube AM, emissora de rádio voltada exclusivamente para as transmissões dos campeonatos do estado, apenas uma profissional; Na Rádio Marajoara também apenas uma; No jornal O Liberal, uma repórter que também atua como produtora de conteúdo para o site; a Rádio Pérola da região de Bragança, município próximo a Belém onde o sinal da rádio alcança, são duas; Nas rádio Web apenas uma profissional; e na Assessoria de Comunicação, é possível identificar uma jornalista que atua no Clube do Remo, um dos times oficiais do Campeonato Paraense.

É possível que existam outras profissionais, mas que não possuem o respaldo de atuarem na imprensa esportiva. Todas precisam se cadastrar à ACLEP, já que para trabalhar na crônica esportiva, o profissional tem que está credenciado pela Associação da categoria de cada estado, como determina a Lei Federal 9.615(também conhecida como Lei Pelé) em seu artigo 90-F. (OLIVEIRA, 2022).

Oliva (2022) pontua que atuar como jornalista esportivo no estado do Pará, não é preciso ser diplomado. Basta ser credenciado pela Associação dos Cronistas e Locutores Esportivos do Pará (ACLEP), mas o profissional precisa comprovar que trabalha em um órgão de comunicação e ter a autorização da empresa. O cronista somente será aceito na entidade, se o veículo no qual ele trabalha tiver CNPJ regular.

Após sucessão da antiga ACEP – Associação dos Cronistas Esportivos do Pará, em 11 de janeiro de 1969, nascia a ACLEP. Seu primeiro presidente foi Carlos Estácio, ainda hoje militante do departamento esportivo da Rádio Clube. por um grupo de jornalistas esportivos com a finalidade de organizar os profissionais da área de comunicação esportiva, e ter uma entidade para orientar, e lutar pelos direitos no que se refere a transmissão dos jogos e condições de trabalho. Não possui filial e está associada à Associação Brasileira de Cronistas Esportivos Brasileiros (ABRACE). O trabalho da

ACLEP é credenciar os profissionais de imprensa que atuam em veículos de comunicação da capital e interior do Estado, sem esse credenciamento o acesso dos jornalistas aos eventos esportivos não é autorizado, principalmente durante os jogos oficiais. ACLEP participa de todos os eventos esportivos profissionais e amadores, promovidos pela Federação Paraense de Futebol (FPF), e pela Confederação Brasileira de Futebol (C.B.F). Eventos de federações amadoras, principalmente campeonatos, também contam com a participação da ACLEP, através de seus filiados e associados. (OLIVEIRA,2022).

Segundo o último levantamento feito em junho de 2022, a ACLEP possui um total de 160 cadastros regularizados, sendo 148 homens e 12 mulheres, entre os cargos de repórteres, editores, comentaristas, narradores, fotógrafos, cinegrafistas e auxiliares técnicos e grande parte desses profissionais são formados em jornalismo, mas não possui especialização em editorias de esportes e duas dessas 12 mulheres, atuam como fotógrafas, as informações foram repassadas por meio de entrevista semiestruturada e que pode ser conferida na íntegra em Apêndice e também outros dados relevantes também foram apresentados via WhatsApp.

Uma reportagem elaborada pela jornalista belenense Beatriz Reis em março de 2020 com o título Mulher e futebol: o desafio da busca por espaço no estádio. Torcedoras ou profissionais, mulheres lutam respeito e liberdade em território predominantemente masculino. A entrevistada foi a jornalista esportiva Paula Marrocos, o conteúdo foi publicado no Portal LEIA JÁ, e entre os relatos apresentados ambas jornalistas pontuam que profissionalmente as mulheres têm estado mais presentes na imprensa, porém os desafios sexistas continuam

Entrevista com a radialista esportiva Paula Marrocos - "Eu hoje tenho muito orgulho do espaço que eu conquistei, de ser uma inspiração para outras meninas, de dar essa representatividade. Pois a mulher pode estar realmente onde ela quiser, e que isso não vire um clichê e seja em si um fato na nossa sociedade. Hoje em dia a gente já consegue ver mais mulheres no esporte, por isso me sinto representada quando eu vejo uma apresentadora, uma comentarista, uma repórter, participando de uma transmissão comentando a respeito de um jogo e falando em programas esportivos ". (BEATRIZ REIS, 2020 – PORTAL LEIA JÁ)

Paula ressaltou o aumento da visibilidade da figura feminina no futebol. ", assinalou e detalhou sobre os comentários machistas que ouviu após a narração da final do Campeonato Feminino de Futebol 2019.

..... "Logo após eu realizar a narração, junto com a Karen Sena e a Lauany Challiê, recebi muitos comentários na internet a respeito desse evento,

dizendo que nós não tínhamos capacidade, que estávamos ali só pra atender uma cota. Foi a primeira transmissão totalmente feminina pela rádio no Norte e Nordeste do país. Foi um momento muito importante para a gente. Eu tive a oportunidade de estrear como narradora de futebol. Tive muitos pontos positivos e alguns negativos" [...] que nós não sejamos cotas, mas que sejamos de fato tratadas como profissionais, e que esse espaço seja nosso, não porque a gente está chegando para ocupar, mas porque ele está ali para ser ocupado por pessoas competentes. Levantar a bandeira da defesa das mulheres é fundamental para mudar a realidade. [...]Tenho certeza também que tenho muito apoio das minhas colegas de trabalho, de outras empresas, como a Mari Malato e a Tayná Martinez da CBN (Rádio CBN Amazônia). São pessoas que eu admiro e viraram referências para mim [...] A resposta para todo esse machismo dentro do esporte é você ter conteúdo e lutar para conseguir mostrar para as pessoas que você está ali porquê de fato você entende, porque você conhece" .....( PAULA MARROCOS, 2020)

No estado existem profissionais que possuem carreiras consolidadas, porém se manter ativas no mercado de trabalho é uma outra história. No ano de 2016, o Portal RODADA PARALELA, publicou uma matéria especial homenageando as jornalistas esportivas de Belém. O conteúdo fazia alusão ao mês de comemorações das mulheres, com o título "As lentes da sensibilidade". Foram entrevistadas na época as jornalistas paraenses Flávia Araújo, Mariana Malato e Syanne Neno.

Na reportagem é apresentando uma breve biografia da trajetória de carreira de Flávia Araújo. Nascida em Belém e teve uma rápida passagem como repórter esportiva da TV Liberal, afiliada da Rede Globo, no Estado do Pará, mas não quis mais fazer parte do quadro da emissora e deixou o jornalismo esportivo em 2018. No mesmo ano foi contratada pela TV Record Belém para atuar em outra editoria, não demorou muito, foi contratada para a equipe de comunicação da Secretaria de Comunicação Estadual do Pará.

Outra veterana mencionada na reportagem e de grande referência no jornalismo esportivo paraense é Trisha Guimarães / TV Liberal (Globo/PA). Formada em Relações Públicas pela Universidade da Amazônia (Unama), e jornalismo pela Faculdade do Pará (FAP).

Iniciou a carreira como repórter de esportes em 2003 em emissora da capital paraense. Depois se tornou produtora de telejornal. Transferiu-se para outras duas emissoras em Belém e em 2006 passou a fazer parte da TV Liberal, como repórter da Editoria de Esportes. Na emissora fez também matérias de comportamento para a Editoria Geral e já fazem muitos anos que não se sabe notícias por onde anda Trisha

Guimarães e nem se está mais frente as câmeras de algum jornalismo esportivo do Pará em emissoras pelo Estado do Pará.

Mais um nome de destaque é Syanne Neno, considerada entre a classe como uma das primeiras mulheres a surgir na imprensa esportiva paraense. Dados históricos marcam os anos de 2003, com as primeiras reportagens para a TV Liberal. A jornalista começou carreira com contos de ficção esportiva, no Grupo Liberal - tanto no impresso quanto na TV, rapidamente conquistou espaço como repórter, apresentadora e cronista premiada, arrancou elogios até de ícones esportivos como Armando Nogueira. Syanne é ressaltada como a desbravadora mulher que invadiu os campos outrora dominados apenas por homens. Logo após sua primeira saída da emissora, comandou até o ano de 2013 o Meio de Campo, o programa trazia as preliminares das transmissões que envolviam as partidas do Campeonato Paraense de Futebol, na TV Cultura, e atualmente estar à frente do programa O Último Lance exibido todas as segundas-feiras e pode ser acessado pelo portal O liberal.com, rádio Liberal e redes sociais (Facebook e Youtube) oficiais do Grupo Liberal.

Syanne, é graduada pela Universidade Federal do Pará (UFPA), ficou afastada 13 anos da TV Liberal e retornou para a emissora que foi sua primeira casa durante a carreira. Em uma linha do tempo na carreira da jornalista, iniciou carreira quando repórter, depois apresentadora do Globo Esporte local, e trabalhou em 2005, durante um mês, na TV Globo do Rio de Janeiro, foi parte das equipes da Record Belém e RBATV. Como repórter esportiva, trabalhou nas TVs Cultura e Liberal (afiliada da Rede Globo), além de transmissões de jogos de equipes paraenses pelos canais Sportv e PFC. Mudou para o jornalismo geral em 2009.

Eu não tinha ideia da importância desse pioneirismo para a representatividade feminina. Era apenas uma menina apaixonada por livros e futebol. Escrevia para dar asas à imaginação. [...] O início foi muito difícil por causa do machismo. Muita gente não levava a sério aquela menina baixinha e tímida, uma completa estranha no Clube do Bolinha. Engoli muita coisa a seco, até porque o feminismo ainda era restrito à retórica. Quando lembro de alguns episódios absurdos que vivi, me dou conta da importância dessa história. De ter passado por tudo isso e construído meu nome como referência para tantas jornalistas esportivas paraenses que vieram depois. (SYANNE NENO, 2011)

Elena Brito também contribuiu para que o caminho de novas jornalistas esportivas pudesse seguir em frente. Começou também nessa época do início dos anos 2000, embora não há muito sobre elas nos arquivos digitais, mas seu nome é

lembrado entre as jornalistas atuais, como a identidade do jornalismo feminino de Belém, pelo jeito carismático que tinha ao exibir suas reportagens na TV Liberal durante o Globo Esporte. Após sair do Grupo ORM/Globo Pará, ela se tornou apresentadora da Rede Record em Belém, onde faz o jornal "Pará Record" e o programa "Fala Pará Entrevista, mas é Gerente Sênior de Comunicação como Assessoria de Comunicação) de uma empresa privada que atua no ramo de alumínio em Belém e região.

Mais um nome de grande referência na cidade de Belém é o da apresentadora do Programa Camisa 13 da RBATV Belém, Mariana Malato. A jornalista participou da construção da pesquisa, contribuindo com sua experiência ao relatar seu depoimento durante a entrevista semiestruturada. As respostas serão como análises que sustentarão o tema principal da monografia. Por não ter conseguido enviar todas as respostas, sentiu-se sensibilizada pelo atraso, mas enviou algumas abordagens via WhatsApp, as mesmas serão utilizadas durante algumas citações no desenvolvimento da pesquisa acima. Mariana Malato respondeu alguns e entregou no dia 21 de outubro de 2021 às 19h10 via aplicativos de mensagens.

Iniciou carreira ao estagiar na TV Liberal, no terceiro semestre da Faculdade de Comunicação Social em Jornalismo, pela Faculdade do Pará (FAP). Uma das frases ditas por ela durante a entrevista ao blog, que as mulheres ainda são a minoria no jornalismo esportivo.

As barreiras já que são impostas pelo preconceito, que vai desde o machismo da família até comentários maldosos na rua e no ambiente profissional, todas as mulheres que trabalham com futebol estão sujeitas a isso e, ainda somos a minoria, embora o cenário está mudando e fico feliz de fazer parte disso. (MALATO, 2013)

Muitos momentos históricos para o futebol paraense foram mostrados ao mundo através destas profissionais. Uma delas foi a vitória do Paysandu sobre o Boca Juniors/ARG, no Estádio La Bombonera, pelas oitavas de final da Taça Libertadores da América de 2003. Syanne Neno foi a repórter que realizou a cobertura da festa dos bicolores em Belém, e teve sua participação em rede nacional pelo Globo Esporte, para todo o Brasil. Flávia Araújo, dentro de sua carreira teve como responsabilidade entrevistar ídolos do futebol mundial, a exemplo dos ex jogadores da Seleção Brasileira de Futebol Masculino, Rivaldo e Zico, foi a repórter a cobrir a chegada da

Taça da Copa do Mundo em Belém no ano de 2014, além do treino e o jogo da Seleção Olímpica em Belém.

O questionamento à competência é uma constante e se reflete na tentativa das profissionais de se protegerem de situações de violência e assédio, exigindo posturas que estão além da questão de atuação profissional, como explica “as mulheres jornalistas esportivas sentem que devem estar particularmente vigilantes quanto às suas atitudes, especialmente, para evitar certos estereótipos (sedutora, lésbica) que sentem na pele e devem negociar diversas tensões. (SCHOCH, 2019, p. 31)

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foram coletados depoimentos de profissionais que estão no dia a dia da informação esportiva, mas por apresentarem relatos sobre o pensar e como visualizam a área, as jornalistas serão apresentadas apenas por letras ou pseudônimos. Participaram, T.M; A.E.S; L. C; S.C e M. A, além de possuírem um nível de experiência na carreira, fazem parte de movimentos de lutas que tentam erradicar o preconceito vivido por mulheres atuantes no jornalismo esportivo em Belém compreendendo o estado do Pará também.

É necessário citar que a jornalista A.E.S, participou do levantamento da pesquisa, contribuindo com algumas respostas enviadas via questionário por meio do aplicativo de mensagens, porém por motivos pessoais só somente conseguiu enviar algumas respostas que serão utilizadas durante algumas citações e não entrará na lista completa indicada no apêndice da monografia.

A.E.S, é uma das primeiras mulheres do Web jornalismo a integrar o caderno de esportes em um jornal imprensa da capital e constantemente é convidada constantemente para participar de debater sobre o assunto em programas de TV, ou seminários de graduação. No mês de janeiro de 2021, participou em um programa nacional, por meio de Live, para debaterem sobre o tema “DeixaElaTrabalhar”, ao lado da professora da Faculdade de Comunicação da UERJ, Leda Costa e as jornalistas Débora Gares (Grupo Globo) e Julia Belas, assistente editorial do grupo de mídia DAZN.

Quando entrei para o jornalismo, há 11 anos, entrei como estagiária, um ano depois fui contratada, e não tinha repórter mulher na época, eu fui a primeira da geração e na época eram somente homens. Em 2016 passei a integrar o caderno de esporte, e depois de 20 anos entrou uma nova estagiária no esporte e alguns meses depois outra, hoje temos duas estagiárias”. (entrevista via aplicativo de mensagens, ocorrida em 17 de novembro de 2021, com a jornalista esportiva do jornal O Liberal - Caderno On line de Esportes. Belém). (A.E.S, 2021)

Mariana Malato relata ser a apresentadora de TV na grande Belém, capital do estado do Pará onde comanda dois programas esportivos.

Apesar do aumento progressivo da mulher no cenário jornalístico esportivo e a presença em noticiários televisivos, portais de notícia e tantos outros meios de informação, tem ganhado notoriedade principalmente em canais pagos, mas ainda é visível que esse cenário seja ditado por homens. Realmente é um assunto necessário, pois ainda estamos passando pela transição de mentalidades, por isso é fundamental falarmos. São poucas as mulheres que aceitam o desafio, até porque os eventos esportivos na grande maioria, são eles que comandam a cena por aqui pelos campos do norte do Brasil, a exemplo de várias emissoras de TV da capital, creio que apenas a TV Band no qual sou a âncora, tem apresentadora de esportes. (MALATO, 2021).

A jornalista esportiva L. C., solteira, mãe, 34 anos de idade, jornalista de formação, natural da cidade de Belém – PA participou da entrevista em 20 de março de 2022 via aplicativo de mensagens. Começou em 2017 no jornalismo esportivo através do rádio. (L.C, 2022)

Já passei por situações de torcedor me ofender no campo com palavras de baixo calão, e outra situação um torcedor tentar me beijar a força na cobertura do Parazão. As pessoas passam olham, mas infelizmente ninguém faz nada, infelizmente ainda precisa melhorar muito. Minha primeira experiência no esporte foi em uma rádio web, nela tive apoio total do dono, uma pessoa que levarei pra vida [sic]. Tive problemas com alguns colegas, mas que me fizeram ter uma visão mais crítica até hoje. Já pensei em desistir, mas eu sigo perseverante, pois eu estudei e lutei muito pra chegar aqui. A mulher ainda é desvalorizada e o Pará está caminhando a passos lentos e ser jornalista esportiva é um desafio constante. (L.C, 2022)

S.C, natural de Belém, casada, sem filhos, negra e se considera como hetero. Já atuou em emissoras da capital, mas atualmente reside na cidade de Parauapebas, cidade do interior do Pará que fica localizada há cerca de 720 km da capital. S.C atualmente coordena uma equipe de jornalistas da Assessoria de Comunicação da cidade de Parauapebas (Ascom), mas iniciou sua carreira como jornalista, sendo repórter esportiva na TV Liberal afiliada da Rede Globo. Ao detalhar sobre sua entrada nesta editoria há 13 anos relembra que não foi uma missão fácil e um dos seus maiores obstáculos foi vencer a timidez em atuar em um espaço onde o machismo era dominante na época.

Iniciei aos 19 anos, na TV Liberal-afiliada da Globo, no município de Parauapebas, no Pará, em 2004, onde fiquei por 8 anos e me tornei repórter de rede, sob a responsabilidade dos conteúdos esportivos locais para a

capital. Atuei no jornalismo cobrindo os mais diversos assuntos, entre eles, o esporte. Uma área pouco explorada por mulheres a nível de cobertura jornalística local na época. Me via rodeada de homens desde a minha equipe até os locais dos eventos e jogos. Quase não tinham competições femininas de grandes destaques. Iniciei no esporte não por amor ou identificação, apesar de gostar muito, mas pelo fato de que os meus colegas repórteres não gostavam, como eu tinha mais identificação fui me destacando. (S.C, 2022)

Entre os relatos, comentou que em 2014, foi contratada para trabalhar em outra emissora, a RBATV de Parauapebas, afiliada a Band, na época recebeu a missão de apresentar o programa esportivo Jogo Aberto, mas adaptado para uma versão local, seguindo as mesmas diretrizes da rede nacional onde até hoje a jornalista Renata Fan está à frente. S.C comenta que por várias vezes era questionada sobre seu conhecimento relacionado ao esporte e a maioria vinha dos telespectadores. Por várias vezes chegou a se questionar se aquilo era o que realmente queria.

Me lembro que recebíamos mensagens de questionamento sobre a minha competência só pelo fato de ser mulher. muitas das perguntas era do tipo: “O que ela entende de futebol? Penso que muito avançamos nos últimos anos, aumentamos nossa presença nos conteúdos jornalísticos esportivos, crescemos em modalidades, cada vez mais ganham times feminino vão surgindo, paralelo a isso, vemos mulheres tomando o cenário do jornalismo esportivo, apresentando programas, atuando como locutoras ou comentaristas. Orgulho define! Apesar de trabalharem ocupando os mesmos postos, mulheres ainda ganham menos que os homens. Ainda são desrespeitadas com questionamentos de sua competência. As jornalistas que atuam no esporte no Pará estão ganhando espaço, entretanto, quando o estado ganha destaque nacional ainda prevalecem a presença dos correspondentes homens, que em sua. o Sindicato de Jornalistas do Pará deveria levantar militância para garantir igualdade de direitos neste sentido. Ser mulher no jornalismo esportivo é driblar os preconceitos, superar as dúvidas e questionamentos, vencendo cada desafio. O caminho é árduo, mas necessário. (S.C, 2022)

Mesmo sendo grande os desafios vividos por essas profissionais e talvez até por outras que não puderam ser identificadas no decorrer do processo da pesquisa monográfica, porem o destaque maior, é que várias delas ainda mantem o otimismo que dias melhores virão para a carreira, para isso acontecer a dedicação e a busca por conhecimento se tornam fundamentais, mesmo que para isso tenham que continuar lutando por igualdade, como citou M.A(2022)durante entrevista realizada onde cita que as mulheres também são competentes, talvez o que falte seja um olhar voltado para elas, com respeito ao trabalho desenvolvido por estas profissionais, valorização de carreira, porque mulher quando quer ela consegue fazer o que quiser.

Diante de todas as observações aqui apresentadas, é nítido que a evolução na carreira enquanto jornalista esportiva em Belém do Pará vem ganhando seu destaque mesmo que de forma não tão evidente se for comparado em relação aos mesmos números quando se volta o olhar para o quantitativo masculino. Dizer que a carreira já perpassou por muitas mudanças e todas elas significativas para a construção social é algo a ser levado em conta. A profissão vem em constante crescimento, porém o que causa um infinito questionamento é a que preço as mulheres ainda permanecem sendo a minoria nas redações e as que insistem em permanecer o que precisam fazer para mostrarem competência e seu valor social diante da profissão? A disparidade de gênero ainda pode ser uma questão que precisa ser muito debatida, para talvez de fato mudanças de comportamento venha se tornar visíveis, seja dentro das redações ou fora delas.

Ao sentir depoimentos fortes como o que foram apresentados pelas jornalistas esportivas de Belém, onde é marcado ao ponto de se questionarem pela própria competência, leva a crer que há muito o que ser feito. Afinal uma profissão é feita para aprimoramento social e sua evolução e causar desamparo, descontentamento em quem a exerce, frustrações e assim ser forçada a deixar o que escolher fazer. Todos os dados e informações apresentadas nesta monografia teve como objetivo abrir um janela para uma discussão ainda não mencionada, e procurar ouvir lados nem sempre percebidos nos dia a dia da sociedade e a partir disso, buscar uma solução para que o jornalismo possa continuar sendo um divisor na vida da população e alvo de discriminação entre quem produz seus conteúdos, mas em quem cumpre com ética e responsabilidade o papel a ser desenvolvido em defesa da informação.

O esporte ainda é um campo a continuar sendo trabalhado, mas para que haja excelência nos resultados das informações a igualdade também precisa prevalecer como uma regra, assim como tantas outras existentes nesse cenário. Disparidade de gênero não pode ser um impedimento para que a notícia chegue com qualidade na vida do público que precisa estar bem informado. Que novas reflexões possam surgir a partir disso.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa abordou a trajetória profissional das mulheres que integram o jornalismo esportivo, porém esta escolha pode ainda ser marcada por disputas estereotipadas, deslocamentos, circulações e instabilidades que muitas vezes limitam a entrada igualitária dessas profissionais, nas redações esportivas, uma realidade acentuada em muitos veículos de imprensa. Na cidade de Belém do Pará a ocupação de espaços e a construção de carreira feita por mulheres no jornalismo esportivo, revelou que ainda é um cenário de constrangimentos e dificuldades o que tem facilitado para que muitas jornalistas que iniciaram carreira no esporte já não integram mais a mesma editoria. O abandono da carreira por limitações é um fator existencial. Relatos das profissionais com conhecimento sobre o jornalismo esportivo, mostram que além dos desafios da carreira, o estado do Pará propriamente a cidade Belém, não oferece oportunidades de qualificação nesta área e o posicionamento de muitos veículos de comunicação acaba se tornando limitador.

No decorrer da monografia, por vezes, o foco da análise foi conduzido pelas desigualdades produzidas na dinâmica de gênero nesses espaços. No entanto, ao construir um retrato de mulheres que trabalham no jornalismo esportivo em Belém, foram apontadas outras categorias que se interseccionam com o gênero e afetam a presença da mulher (inserção e permanências) nessa esfera. Os indícios sobre os problemas relativos ao conhecimento técnico, estado civil, aspectos físicos, como a auto declaração racial e heterossexualidade, mostram uma percepção não somente como um problema estrutural, mas também como limites de pré-julgados. O medo do desemprego relatado pela maioria, os desafios de aprenderem na rotina sem muito apoio dos superiores ou colegas de trabalho, a falta de apoio por igualdade força está entre os vários questionamentos.

Atuar como Jornalista Esportivo, é uma escolha determinante, na cidade de Belém, além do sistema acadêmico do Pará não ofertar conhecimento técnico para profissionais que atuam no meio esportivo noticioso, a principal universidade pública do estado, a Universidade Federal do Pará (UFPA) ainda não possui programa de especialização e qualificação, o que dificulta ainda mais. Grande parte dos profissionais atuantes contam com a experiência adquirida ao longo da vida para mostrar a técnica e conhecimento ao falar sobre esporte, o que para a mulher pode

ser desafiador, já que muitas empresas comunicação ainda carregam a política de acreditar que apenas os homens entendem do assunto o que deixa claro o círculo vicioso da disparidade de gênero ainda presente atingindo nas editoria esportivas.

A imagem da mulher é construída pela mídia, influenciará na representação sobre o gênero feminino perante a sociedade. Muitas jornalistas que estão frente às câmeras ganham destaque pelo seu conhecimento, sua aparência física, beleza e seu carisma, principalmente no jornalismo esportivo. Para conseguir reconhecimento em Belém, as jornalistas precisam lidar com a escassez de oportunidade no mercado de trabalho e mais ainda a imposição feita pelos próprios familiares como foi relatado por uma das entrevistadas durante o levantamento da pesquisa, ao citar as barreiras impostas que vai desde o machismo entre os familiares, até comentários maldosos na rua e no ambiente profissional.

Enfim, o que vem a ser relatado pelas mulheres jornalistas esportivas de Belém, pode ser também o mesmo que enfrenta as profissionais de várias outras cidades a nível Brasil, os mesmos desafios para serem incluídas e aceitas como profissionais, serem vistas como indivíduos fundamentais nos valores sociais. Mesmo que mudanças significativas estejam ocorrendo, onde é nítida perceber que cada vez mais se fortalece a chegada de mulheres no cenário jornalístico esportivo, indicando ser entendido como um caminho sem volta, mas ainda assim mesmo a sociedade mesmo apresentando estas constantes mudanças, o debate sobre relações de gênero, insiste em ser um debate existente, dolorido e que incomoda em muitos casos estuda, visto que a transição de pensamento nem sempre é entendida como benéfica pela maioria na construção social.

Mas entender o que estes os impactos causam com a exclusão da mulher no vasto mercado de trabalho, se faz necessário. Afinal tudo retrocede o desenvolvimento de qualquer visão antropológica sobre as lutas travadas no passado, forçam romper os desafios do presente e para que os caminhos que se fundamentarão no futuro sejam mais suaves, e assim a mulher possa ser também está incluída por sua importância no processo.

Se o esporte apregoa ser uma atividade inclusiva e de respeito social, tal conceito precisa urgentemente ser praticado em todas as suas esferas de atuação. Quando se permite à mulher o mesmo direito de falar sobre o assunto, a sociedade mostra sua evolução positiva, e aos poucos entende que as informações não podem

ser limitadas ao gênero ( macho e fêmea), mas ao conhecimento técnico, cuidado e zelo pelas notícias que devem chegar ao público de interesse, elaboradas com maestria e compromisso pela profissão. São essas as bases que fortalecem trabalho jornalísticos entre outras mais, mas que precisam ser além de tudo ético e coerente com a carreira, independente sendo mulher ou homem como principais atores na construção da informação, ambos precisam cumprir seu dever.

O jornalismo é uma das ciências mais dinâmicas entre todas, por meio dela a sociedade evolui, pois compreende como sua sociedade vem se comportando, e limitar a mulher ao exercício de qualquer uma das áreas de atuação da informação, é também limitar o progresso, a sobrevivência e o desenvolvimento da humanidade , pois sem informação independente do que somos, continuamos sendo seres estagnados limitando o que nos deixa em vantagem em relação a outros animais, o raciocínio e o poder de opinião se extinguem e com isso estamos fadados à nossa própria extinção.

## REFERÊNCIAS

- ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. O jornalismo especializado na sociedade da informação. **BOCC**, 2015. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahya-ana-jornalismo-especializado.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BAGGIO, Luana Maia. **Representação da mulher no telejornalismo esportivo: a atuação da jornalista Renata Fan no Programa Jogo Aberto da TV Bandeirantes**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário Franciscano, UNIFRA. Santa Maria, RS. 68p. Ano 2012.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. v. 1
- BARBEIRO, Herótodo; RANGEL, Patrícia. **Manual de jornalismo esportivo I. Rangel, II**.-2. ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2021
- BORELLI, Viviane. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. In: **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Salvador/Bahia, 2002. Disponível em: [http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19083/1/2002\\_NP18BORELLI.pdf](http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19083/1/2002_NP18BORELLI.pdf). Acesso em: 01.mai. 2022
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- BLOG ELAS NA TV. **Triha Guimarães** .Disponível em < <https://elasnatv.blogspot.com/2010/06/trisha-quimaraes-tv-liberal-globopa.html>> Acesso em 07.set.2022
- BRUM, Adriana, CAPRARO, André Mendes. Mulheres no jornalismo esportivo: uma “visão além do alcance”? **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4., p. 959-971, out./dez. de 2015. Disponível em: [https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/52730/36085&hl=pt-BR&sa=X&ei=UbDvYtWqHo\\_ymgHbmlvABw&scisig=AAGBfm3u0uJ2G55AdZsCHpLd56C0Lhnt4A&oi=scholar](https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/52730/36085&hl=pt-BR&sa=X&ei=UbDvYtWqHo_ymgHbmlvABw&scisig=AAGBfm3u0uJ2G55AdZsCHpLd56C0Lhnt4A&oi=scholar) Acesso em: 10 maio 2022.
- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel: a Representação da Mulher na Imprensa Feminina brasileira**. 2. Ed. – São Paulo: Summus, 2009.

CARDIM, Maria Eduarda. #DeixaElaTrabalhar: campanha de jornalistas esportivas repercute na internet. **Correio Brasiliense**, Elas no Ataque, 2018. Disponível em: <https://blogs.correiobrasiliense.com.br/elasnoataque/deixa-ela-trabalhar-campanha-jornalismo/>. Acesso em: 14.jun.2022.

CARVALHO. Rafael Matos de. **Belle Époque Esportiva**: A imprensa paraense como agente da popularização dos esportes no início do século XX (1900-1935). Dissertação apresentada a Faculdade de História como exigência parcial para diploma de Licenciatura e Bacharelado em História. UFPA. Belém. 2011. Disponível em < <https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/Belle-%C3%89poque-Esportiva-A-imprensa-paraense-como-agente-da-populariza%C3%A7%C3%A3o-dos-esportes-no-in%C3%ADcio-do-s%C3%A9culo-XX-1900-1935.pdf>> . Acesso em 22.jul.2022

CASADEI, Elisa Bachega. A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX. **Revista Alterjor**. Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP) Ano 02– Volume 01 Edição 03 – janeiro-junho de 2011. São Paulo. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88218/91096>. Acesso em 14.jun.2022.

CORRÊA, Fabíola; CLAUDINO, Lorena; COSTA, Suanny. **História do Jornalismo no Brasil e no Pará, da Colônia à República Velha**. Universidade Federal do Pará – UFPA. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação VI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Norte – Belém – PA. Disponível em < <http://intercom.org.br/papers/regionais/norte2007/resumos/R0246-1.pdf>> . Acesso em 22.jul.2022

FIGUEIREDO, Aldrin Moura. **Página Antiga uma introdução à leitura dos jornais paraenses, 1822- 1922**. Universidade Federal do Pará. UFPA. Artigo recebido no dia 22 de janeiro de 2005 e aprovado no dia 28 de abril de 2005. Disponível em <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/3040>>. Acesso em 22.jul.2022

FLORES. Beatriz; MELLO. Alessandra. Federação Nacional dos Jornalistas. 8M: Mulheres Jornalistas falam sobre dificuldades no exercício da profissão. **FENAJ**. mar.2022. Disponível em <<https://fenaj.org.br/8m-mulheres-jornalistas-falam-sobre-dificuldades-no-exercicio-da-profissao/>> Acesso 04.mar.22

FREITAS, Bruno; MONTAGNANA, Laís; CARNEIRO, Leandro. "Intrusas" no gramado Como o ambiente machista ataca mulheres que trabalham com esporte. **Portal UOL**. São Paulo, 27 dez. 2016. Disponível em. <https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#faltam-mulheres-sobram-cliches-e-preconceitos>. Acesso em 01.mai.2022

GIL Antônio C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Edição. São Paulo. Editora atlas S.A. 2002.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, dez 2007. p. 595-609. Disponível em: <<https://goo.gl/Dkw94j>>. Acesso em: 20 maio 2022.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena *et alli*. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo, Editora UNESP, p.67-75, 2009.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. 2017. Disponível em: < <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>>. Acesso em: 25 julho 2021.

LIMA, Joelma Varão. O jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: Mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX). **Projeto História**, São Paulo, n. 45, pp. 397-403, dez. 2012. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/15023/11217/36268>>. Acesso em 22.jul.2022

LIMA, Luciano Demetrius Barbosa. **Entre batalhas e papéis: a Cabanagem e a imprensa brasileira na menoridade (1835-1840)**. 2016. Universidade Federal do Pará. UFPA. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Faculdade de História Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia. Disponível em <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/7222>>. Acesso em 22.jul.2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas**. Edição digital. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018.

MASSARANI,Luisa; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; CARVALHO, Vanessa Brasil. A ciência nas páginas da Folha do Norte: um olhar ao longo de oito décadas. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 283-300 jul | dez 2013.Universidade Federal do Pará | UFPA Disponível em < [https://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=1104](https://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=1104)>. Acesso em 07.jun.2022

MATOS, Ana Carolina. Syanne Neno volta a campo no Último Lance. **O Liberal.com**. 2021. Disponível em <https://www.oliberal.com/aniversario/reportagens/syanne-neno-volta-a-campo-no-ultimo-lance-1.464760>. Acesso em 16 jun 2022.

MATOS, Rafael. Sportmen nas redações: O jornalismo esportivo na Belle Époque. **II Encontro Regional Norte de História da Mídia**. Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia – ALCAR Universidade Federal do Pará – Belém, PA – 12 e 13 de novembro de 2012. Disponível em: [http://www.alcarnorte.com.br/wp-content/uploads/alcar2012\\_sportmen\\_nas\\_redacoes\\_o\\_jornalismo\\_esportivo\\_na\\_belle\\_epoque.pdf](http://www.alcarnorte.com.br/wp-content/uploads/alcar2012_sportmen_nas_redacoes_o_jornalismo_esportivo_na_belle_epoque.pdf). Acesso em: 20 maio 2022.

MULHER 500 ANOS ATRAS DOS PANOS. Violante Atalipa Ximenes Bivar e Velasco (c.1816-1874). Disponível em < <http://www.mulher500.org.br/violante-atalipa-ximenes-bivar-e-velasco-c-1816-1874/>>. Acesso em 22.jul.2022

MUNIZ, Iva. Rede Pará. **Exposição destaca importante legado deixado por mulheres em Belém**. Publicado em 06.mar.2020. Disponível em < <https://redepara.com.br/Noticia/210807/exposicao-destaca-importante-legado-deixado-por-mulheres-em-belem>>. Acesso em 22.jul.2022

OLIVEIRA; Ana Paula; OLIVEIRA, Nathalia Lainetti de. A mulher no jornalismo esportivo. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 5, agosto 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/download/3326/11283/>. Acesso em: 10 maio 2022.

PORTAL 500 ANOS ATRAS DOS PANOS. Violante Atalipa Ximenes Bivar e Velasco (c.1816-1874). Disponível em < <http://www.mulher500.org.br/violante-atalipa-ximenes-bivar-e-velasco-c-1816-1874/>>. Acesso em 22.jul.2022.

PORTAL OBRAS RARAS. **Ester Nunes Bibas, 1888 – 1972. Fundação Cultural do Pará**. Disponível em < <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/book-author/ester-nunes-bibas/>>. Acesso em 22.jul.2022

QUIRINO, Raquel. Divisão sexual do trabalho, gênero, relações de gênero e relações sociais de sexo: Aproximações teórico- conceituais em uma perspectiva marxista. **Trabalho e Educação**. Belo Horizonte. CEFET/MG. V.24 p.229-246. Maio-ago.2015. Disponível em < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9440/6734>>. Acesso em 15.jul.2022

RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres jornalistas – A grande invasão**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, SP. Ano 2010.

RBATV. Histórico. **Há 33 anos surgia a 1ª emissora de tv genuinamente paraense**. Disponível em <https://rbatv.dol.com.br/ha-33-anos-surgia-a-1o-emissora-genuinamente-paraense/>. Acesso em 07.set.2022

REIS, Beatriz. **Mulher e futebol: o desafio da busca por espaço no estádio. Torcedoras ou profissionais, mulheres lutam respeito e liberdade em território predominantemente masculino**. Portal LEIA JÁ. Pub. 06.mar.2020 às 11h27. Disponível em <https://m.leiaja.com/noticias/2020/03/06/mulher-e-futebol-o-desafio-da-busca-por-espaco-no-estadio/>. Acesso em 22.jul.2022

ROCHA, Paula Melani. **As Mulheres Jornalistas no Estado de São Paulo: O Processo de Profissionalização e Feminização da Carreira** Universidade Federal de São Carlos 2004. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-paula-melani-mulheres-jornalistas.pdf> . Acesso em 21.jul.2022.

RODADA PARALELA. **As lentes da sensibilidade**. Disponível em < <https://rodadaparela.blogspot.com/2016/03/as-lentes-da-sensibilidade.html>>. Acesso em 10.mar.2022

RIGHI, Anelise Farençena. **As donas Da Bola: Inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo**. 2006. 84 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – UNIFRA, Santa Maria, RS, 2006.

ROCHA, Paula Melani. **As Mulheres Jornalistas no Estado de São Paulo: O Processo de Profissionalização e Feminização da Carreira** Universidade Federal de São Carlos 2004. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-paula-melani-mulheres-jornalistas.pdf> . Acesso em 21.jul.2022

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHOCH, L; OHL, F. **Women sports journalists in Switzerland: between assignment and negotiation of roles**. *Sociology of Sport Journal*, n. 28, p. 189-208, 2011.

SILVA, Marcia V. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias**. Porto Alegre. 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25629/000753018.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 16 jun 2022.

SILVEIRA, Natália. **Jornalismo esportivo: conceitos e práticas**. Monografia apresentada ao título de bacharel em jornalismo. UFRGS. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Departamento de Comunicação, Porto Alegre/RS, 2009.

TOZZE, Humberto. Os marcos da inclusão feminina nos Jogos Olímpicos ao longo dos anos. **Marie Claire**, Mulheres do Mundo, 2021. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2021/07/nem-sempre-olimpiadas-foram-lugar-de-mulher-aqui-os-marcos-da-inclusao-feminina-nos-jogos.html>. Acesso em: 20 maio 2022.

YOUTUBE. **Repórter E. Memórias da Copa: Syanne Neno**. Vídeo postado em 31 de mai. de 2018. A jornalista Syanne Neno é referência no jornalismo esportivo do Pará há mais de duas décadas, e no "Memórias da Copa" de maio ela relembra a dor e a alegria de ver a Seleção de Telê na Espanha encantar o mundo inteiro, em 1982. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=C4vuvllZgA>>. Acesso em 25.jun.2022.

## APÊNDICE

O questionário utilizado para a pesquisa exploratória, de identificação do cenário vivido pelas jornalistas esportivas da cidade de Belém capital do estado do Pará foi fundamental para uma análise significativa sobre a atuação dessas profissionais nesse seguimento profissional. Participaram cinco profissionais nas citações, pois responderam ao questionário de forma aleatória, já as jornalistas e L.C; T.M; M.A e S.C responderam ao questionário completo.

**01-Entrevista – L. C.** Jornalista de formação com experiência no rádio jornalismo esportivo.

**02- Entrevista – T.M** - Experiência como apresentadora de programa esportivo e por esse motivo foi escolhida. A entrevista semiestruturada ocorreu no dia 12 de junho de 2022, via aplicativo de mensagens, WhatsApp.

**03- Entrevista M.A** - Repórter esportiva com experiência em emissoras de rádio e TV.

**04- Entrevista S.C-** Houve dois contatos da pesquisadora, mas a entrevistada se comprometeu em enviar as respostas, mas não enviou há tempo de finalizar a pesquisa.

## QUESTIONÁRIO

**1- Apresentação pessoal (nome completo( será trocado pelas iniciais ou pseudônimos, idade, número de filho, estado civil, formação profissional, local de nascimento, local de moradia, qual gênero se considera, identificação de raça, biotipo (cor de pele, aspectos físicos, altura...) citar pontos fortes e fracos (qualidades e defeitos) e experiências profissionais ligadas à área). Se apresentar em um breve texto onde possa incluir os referidos tópicos e outros mais que julgar necessário dentro da identificação pessoal.**

**L.C** - 34 anos. Uma filha. Solteira. Jornalista de formação. Nascida em Belém-Pa. Mora em Belém-Pa. Feminina. Parda.

**T.M-** 33 anos, 1 filho. Sou formada em Comunicação Social com habilitação em jornalismo. Nasci em Belém, me considero do gênero feminino, cor parda, 1,72 de altura, peso 63 kg. Como qualidades destaco a facilidade em trabalhar com o público, trabalhar em equipe, adaptação rápida a diferentes tipos de tarefas, como defeito destaco a ansiedade e a vontade de querer fazer tudo ao mesmo tempo. Já trabalhei como vendedora na antiga operadora Amazônia Celular e também na Oi. Foi minha primeira experiência profissional enquanto estava na faculdade. Logo após isso comecei a estagiar como produtora na Record TV Belém. Já fui repórter e apresentadora do SBT Esporte, fui repórter e coordenadora de transmissões do Esporte Interativo, fui repórter e âncora da rádio CBN Belém e hoje estou como coordenadora do núcleo de produção da TV Cultura e apresentadora dos programas Esporte Cultura e Meio de Campo.

**M.A** - 28 anos, nascida em 18 de novembro de 1993, tenho uma filha e sou graduada em Comunicação Social- Jornalismo, me considero heterossexual, de cor branca, 1,59 de altura e baixinha. Sou proativa e gosto sempre de ajudar o próximo, mas tenho como defeitos ser um pouco ansiosa, estressada e não gosto de falta de organização. Minhas experiências foi quando iniciei na Rádio Marajoara , onde cobrir alguns jogos como repórter de TV. Em seguida, participei do Podcast Tudo Delas do O Liberal, fui repórter de esportes do Portal Roma News; fui produtora do Esporte Total da Rede TV; comentarista em alguns jogos pela CBN Belém e atualmente estou como diretora do programa Esporte Cultura.

**S.C** - 37 anos, casada, bacharel em Serviço Social e cursando Jornalismo pela Uninter. Natural de Belém/PA, resido Parauapebas há 18 anos. Sou mulher negra, que desde cedo lutou para conquistar o seu espaço e com muita dedicação, trabalho e estudo, venho alcançando meus objetivos. Mesmo estando na área da comunicação a timidez sempre me acompanhou e por muitas vezes considerei que perdia oportunidades profissionais.

## **02-Apresentação profissional (contar um pouco sobre a história profissional de atuação dentro do jornalismo esportivo)**

**L.C** - Faz cinco anos que atuo na área esportiva, desde que comecei a trabalhar já passei por rádios webs, AM e FM, além de portal de notícias.

**T.M** - Trabalho no jornalismo esportivo desde 2009. Escolhi essa profissão por ter me apaixonado, primeiramente pelo futebol, e por consequência o jornalismo esportivo. Decidi pelo jornalismo esportivo por sempre ter frequentado estados de futebol, por ter sido atleta de vôlei na escola e sempre ter gostado do mundo esportivo. No momento sou apenas bacharel, em breve farei algumas especializações. Minha primeira oportunidade de entrar no jornalismo esportivo foi quando decidi bater de porta em porta nas emissoras de Belém.

**M.A**- Ingressei no jornalismo esportivo em 2018 quando fui produtora/repórter da rádio e TV Marajoara. Por lá cobrir alguns campeonatos paraenses e nacionais. O jornalismo esportivo está em mim desde a infância, pois o meu pai foi jogador profissional e eu herdei dele esse amor pelo esporte e como não sou craque que nem ele, preferir ir para o jornalismo esportivo.

**S.C**- Iniciei minha caminhada profissional aos 19 anos, na TV Liberal-afiliada da Globo, no município de Parauapebas, no Pará, em 2004, onde fiquei por oito anos. Atuei no jornalismo cobrindo os mais diversos assuntos, entre eles, o esporte. Uma área pouco explorada por mulheres a nível de cobertura jornalística local na época. Me via rodeada de homens desde a minha equipe até os locais dos eventos e jogos onde íamos para trabalhar. Quase não tinham competições femininas de grandes destaques. Ainda assim, quando surgiam me encantava em ver a presença feminina numa área, até então, dominada por homens.

### **3- O que levou a decisão para a editoria de esportes e há quanto tempo atua?**

**L.C** - Por gostar de futebol e faz cinco anos que tenho de atuação nessa área

**T.M**- A primeira oportunidade foi na RBA, onde pedi para acompanhar as equipes de reportagem e os programas ao vivo sem nenhum tipo de vínculo, apenas para conhecer e entender um pouco mais sobre esse mundo. Meu pedido foi aceito e comecei a acompanhar as equipes e fazer a network. Foi nesse contexto em que conheci grandes nomes do jornalismo esportivo paraense como Edson Matoso, Guilherme Guerreiro, Syanne Neno. foi a partir daí que as oportunidades de trabalho começaram a aparecer. A primeira delas foi com o Edson Matoso, no SBT Esportes onde fui estagiária, repórter e apresentadora. A maior dificuldade sempre foi me consolidar nesse meio. Nunca foi fácil provar para todos que estava ali era

por competência. Todo dia é uma prova de resistência. Esse foi e continha sendo o maior desafio de todos. Mas eu nunca desisti dos meus sonhos e sempre lutei muito para estar aqui. Então cada dia de luta, cada experiência vivida é uma conquista na carreira. Mas nem sempre é fácil. Já pensei em desistir diversas vezes, mas o amor pelo que faço é muito maior do que qualquer obstáculo.

**M.A-** O amor é a identificação pelo esporte e em especial ao futebol. Quando trabalhei no Portal Roma News, um dos meus maiores e mais satisfatórios desafios era no período de contratações dos clubes, onde eu conseguia sempre está emplacando e dando furos de reportagem sem mesmo os clubes anunciarem os novos reforços. A correria em ir atrás de empresários e jogadores eram demais e isso foi me fazendo ficar mais apaixonada pela minha profissão. Estou atuando há 4 anos profissionalmente.

**S.C-** Iniciei a cobrir esporte não por amor ou identificação, apesar de gostar muito, mas sim pelo fato de que os colegas repórteres não gostavam, como eu era que tinha mais identificação fui me destacando.

#### **4- Possui especialização da área de atuação ou está em busca?**

**L.C** - Ainda em busca, pois em Belém não temos especificação na área esportiva.

**T.M-** Não tenho especialização, no Pará não temos essa pós-graduação, somente na modalidade EAD.

**M.A** - Não. Pelo fato de Belém não ter nenhuma especialização na área. E se eu fizer terá que ser online ou em outro estado.

**S.C-** Não, ainda estou concluindo os estudos em jornalismo

#### **5- Como aconteceu a oportunidade de entrar no jornalismo esportivo?**

**L.C** - Fiz faculdade de jornalismo, sempre foi o que eu quis.

**TM-** Minha primeira oportunidade de fato foi no SBT Esportes com Edson Matoso. O SBT Esportes foi um programa esportivo que marcou uma época na tv paraense. Então considero que comecei minha carreira com o pé direito. Foi ali que aprendi tudo o que sei até hoje como jornalista esportiva e como pessoa. Sou grata demais ao Matoso por todo apoio que me foi dedicado, por toda a confiança que ele

depositou naquela menina que ainda estava na faculdade, mas que tinha um sonho. Matoso foi o cara que me estendeu a mão e disse "Vai, boa garota!!". Então tudo o que sou hoje, profissionalmente, tem influência do Matoso.

**M.A-** Sempre tive muitos contatos no meio esportivos por me destacar e ir em busca de furos de reportagem. Sim, há muita dificuldade para mulheres no jornalismo esportivo, muitas portas se fecham caso você não consiga expressar de forma correta e provar que realmente entende de Futebol. Demorei 1 ano após minha formatura para conseguir um emprego na área. Pois o mercado ainda é muito machista e preconceituoso. Mas foi aí conheci e me inspirei em muitas mulheres do jornalismo esportivo paraense e que hoje são minha amigas e companheiras de trabalho, criamos um grupo para que uma apoiasse a outra e ficar no lugar onde devemos ficar, que é em frente de uma câmera ou com um microfone na mão. Mas as lutas estavam só começando e tinha horas que eu pensava em desistir pois nunca conseguia nada no meio esportivo.

**S.C-** Surgiu a oportunidade na emissora de TV, como nenhum dos meus colegas na época gostavam de esporte então eu me destaquei. Comecei com as reportagens locais, até que recebi a missão de ser repórter de rede do estado do Pará, ou seja, levar até a matriz do estado as informações de Parauapebas e isso me deu um destaque muito grande na capital.

**06- Conte um pouco sobre o veículo de comunicação que lhe ofereceu a primeira oportunidade.**

**L.C-** Minha primeira experiência foi em uma rádio web, nela tive apoio total do proprietário. Uma pessoa que levarei pra vida. Tive problemas com alguns colegas, mas que me fizeram ter uma visão mais crítica até hoje

**T.M-** não respondeu

**M.A-** É um veículo bastante respeitado no estado, onde a maioria dos funcionários são bastante antigos e tive essa oportunidade de mudar o cenário e mostrar a minha capacidade. No início foi bem difícil fazer com que o pensamento de muitos funcionários mudasse, mas conseguir é agradeço muito a Rádio Marajoara.

**S.C-** Trabalhei lá por oito anos, e só tenho gratidão aos meus ex chefes que me apoiaram muito e me motivavam sempre a não desistir da minha carreira.

**07-Quais desafios precisaram superar para permanecer e quais conquistas obteve-até os dias atuais?**

**L.C-** A gente precisa ignorar muita coisa pra continuar atuando na área.

**T.M-** Os maiores desafios são sempre a luta pela sobrevivência, para se consolidar em um meio ainda muito machista. Todo dia precisamos provar o nosso potencial. Precisamos mostrar que podemos estar ali por competência, não pelo "rostinho bonito". A minha maior conquista até aqui é o meu currículo, e toda a trajetória que fiz profissionalmente até aqui onde consigo provar que uma mulher jornalista esportiva pode chegar longe. Não é fácil, mas a gente pode!

**M.A-** Medos e inseguranças de errar algo e ser crucificada por ser mulher em um mundo totalmente masculino. Fui de produtora para repórter e como já citei anteriormente, eu consegui ser reconhecida por sempre ter muitos furos de reportagem. Além disso eu tinha um sonho muito grande entrar na Cultura, participar do Campeonato Paraense e apresentar um programa. Hoje em dia, não só participei e participo de transmissões, como sou diretora dos programas Meio de Campo e do Esporte Cultura. Além de ser comentarista.

**S.C-** O preconceito, acho que foi o maior medo que já sentir. As pessoas me olharem e talvez pensar: O que essa garota entende de futebol? Muitos não dizia com a boca, mas os olhos não mentem sobre os pensamentos da alma.

**08- Já recebeu reconhecimento por atuar na área (premiações, comendas, convites para participar em debates, congressos, simpósios sobre a causa da inserção da mulher no cenário esportivo?)**

**L.C-** Fui homenageada por um time daqui de Belém.

**T.M-** É natural que o reconhecimento venha. São muitos os convites para participar de debates, lives, participações em congressos em universidades. São muitos os convites para fazer parte de trabalhos de TCC, bate papo com estudantes de jornalismo. Eu sempre me coloco a disposição para ajudar, pois sei o quanto isso é importante para fortalecer ainda mais a presença da mulher no jornalismo esportivo.

**M.A-** Prêmios eu ainda não tive esse privilégio. Mas já participei de muitas lives e programas esportivos, podcasts e um deles foi quando o Remo jogou contra o Botafogo do Rio de Janeiro e participei do Bota Press.

**S.C-** Não, nenhum, apenas fiquei conhecida, como a moça do PFC - da TV Liberal /Parauapebas. PFC é o time oficial da cidade e eu sempre cobria os treinos e jogos do time, em busca de informações para enviar para Belém.

**09- Fale um pouco sobre seu olhar em relação a evolução da mulher na cobertura esportiva de um modo geral.**

**L.C -** É um desafio constante, hoje nossos colegas já nos aceitam melhor que antes, mas ainda precisam entender que não queremos competição.

**T.M-** É um desafio. Hoje em dia o cenário está até mais favorável, mas isso não quer dizer que vencemos todos os desafios e obstáculos que essa realidade nos impõe. Porém, hoje já conseguimos ver um número considerável de mulheres atuando no jornalismo esportivo como repórteres, apresentadoras, fotógrafas, assessoras de imprensa, cinegrafistas, narradoras, comentaristas. O que nós queremos é que esse número seja ainda maior e que as futuras jornalistas esportivas se sintam cada vez mais seguras e fortalecidas para exercerem o seu trabalho com tranquilidade.

**M.A-** Estamos evoluindo um pouco mais. Só que de uns tempos para cá Belém regrediu no sentido de novas contratações oferecendo oportunidade para mulheres, mercado meio fechado. Já pelo lado evolução e trabalho das mulheres na cobertura esportiva, esse lado sim, somos excelentes, sempre demonstrando conhecimento seja em um comentário nas rádios, repórter de campo, setoristas, fotógrafas ou assessoras dos clubes.

**S.C-** Penso que muito avançamos nos últimos anos, mas muito ainda temos que percorrer. Aumentamos a presença esportivas em competições, modalidades cada vez mais ganham times na categoria feminino, paralelo a isso, já vemos mulheres tomando o cenário do jornalismo esportivo, apresentando programas, atuando como locutores ou comentaristas. Orgulho define!

**10- Já pensou em desistir do jornalismo esportivo e por quê? O que te fez voltar atrás na decisão? Já sofreu algum tipo de preconceito?**

**L.C** – Sim pela falta de respeito, e empatia entre a classe. Penso recorrentemente, mas eu sigo perseverante, pois eu estudei e lutei muito pra chegar aqui.

**T.M-** Desistir talvez não, mas a profissão me fez ao longo do tempo mudar postura e forma de pensar e agir em algumas situações. O amadurecimento te mostra o caminho do que deve ou não permitir na profissão. Hoje os torcedores e o público já estão mais acostumados com a presença de mulheres no jornalismo esportivo, mas isso também não quer dizer que o preconceito não exista mais. Existe muito. Mas com o trabalho de “formiguinha” que a gente vem fazendo para fortalecer esse cenário com trabalho de qualidade o público, geralmente masculino, já começa a ter consciência e formular sua opinião em relação ao trabalho de uma mulher jornalista esportiva de forma um pouco mais positiva do que antigamente. Por diversas vezes já pensei em desistir por conta dessa luta diária que precisamos enfrentar para mostrar que estamos ali por competência. O cansaço é inevitável. Várias vezes me peguei pensando "não preciso estar passando por isso!". Mas aí eu lembro de quantas mulheres passaram pela mesma situação e desistiram mesmo desse sonho. No fundo eu não queria desistir e o fato de saber que eu poderia incentivar cada vez mais mulheres para atuar nesse ramo me fizeram ter ainda mais forças para continuar e seguir firme. É uma questão de representatividade.

**M.A-**Sim, pela falta de oportunidade. Mas de tanto persistir e ter amigos no meio eu consegui um emprego no qual me destaquei, mas às vezes tenho vontade de desistir pela falta de valorização tanto das empresas quanto dos valores salariais.

**S.C-** Hoje não atuo mais na editoria de esportes, coordeno uma equipe na Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Parauapebas. Digo que não desisti, apenas a vida me levou para outros caminhos, mas hoje talvez pensaria duas vezes antes de voltar a atuar no esporte.

**11- A respeito da valorização profissional, concorda ou discorda que a mulher ainda possui diferenças em relação aos homens (cargos, salários, carga**

**horária, oportunidades de crescimento dentro da empresa, subordinação da chefia e etc). (resposta pessoal).**

**L.C** - Faz um bom tempo que estou sem trabalho, mas quando estive na ativa fui conquistando o respeito e meu espaço aos poucos e isso incomodou muita gente.

**T.M**- Hoje não, não vejo dessa forma até porque até aqui nunca me senti desvalorizada em relação a algum colega de trabalho. Sempre tive as mesmas condições que qualquer outro colega homem.

**M.A**- Onde trabalho, a empresa oferece oportunidade de igual para igual. Ainda não me senti desrespeitada ou desvalorizada, mas sei que existem lugares onde tratam as mulheres com diferenças sim, aqui em Belém para uma mulher se manter no mercado esportivo precisa se destacar muito.

**S.C**- Apesar de trabalharmos ocupando os mesmos postos, mulheres ainda ganham menos que os homens. Ainda somos desrespeitadas com questionamentos da nossa competência. Isso é revoltante no esporte então aí que a situação é mais chata ainda.

**12- Em relação a sua evolução profissional como mulher na cobertura esportiva, você teria alguma inspiração para te motivar a prosseguir.**

**L.C**- O que me faz ainda querer continuar é a relação do meu sonho, conquistas pessoais.

**T.M** - Hoje estou como coordenadora do Núcleo de Produção da TV Cultura além de ser apresentadora dos programas - Meio de Campo e Esporte Cultura.O trabalho como coordenadora de núcleo é novo pra mim. Gerenciar uma equipe formada por grandes profissionais da produção audiovisual paraense é uma responsabilidade e tanta. Mas está servindo de muito aprendizado trabalhar em uma área que nunca tive contato. Como apresentadora do Meio de Campo (durante o campeonato Paraense) e do Esporte Cultura (de segunda a sexta-feira, às 13h30) é apaixonante. Algo que me identifico, que me deixa feliz e que faço com amor. Tenho uma equipe incrível que me dá todo o suporte necessário para que eu consiga dividir minhas atribuições como apresentadora e coordenadora.

**M.A-** O que me inspira a continuar é o amor pela profissão e trabalho com pessoas especiais que se motivam o tempo todo. Já pelo lado evolução e trabalho das mulheres nas coberturas, esse sim são excelentes e sempre estão demonstrando seja através de comentários na rádio, repórter de campo, setorista, fotógrafa ou assessoras de clubes. A minha maior inspiração paraense é a minha companheira de trabalho, a Tayná Martinez, uma pessoa que tem um coração gigante e sempre está ali incentivando a buscar mais e se desafiar a si próprio, ela não tem medo de perder espaço pois sabe que sempre tem lugar para o próximo e eu sei disso porque ela foi uma das que me estenderam a mão e me tirou o medo.

**S.C-** Prefiro não opinar sobre uma referência, creio que todas são capazes, o que falta mesmo é oportunidade para que acreditem em nossa competência.

**13- Já sofreu preconceitos, discriminações ou perseguições enquanto atuava no mercado de trabalho em coberturas de jogos e campeonatos por exemplo? Se a resposta for sim, como reagiu?**

**L.C-** Sim! No início a gente tenta assimilar, mas depois contorna a situação.

**T.M-** Preconceito, assédio, discriminação ainda anda lado a lado do jornalismo esportivo feminino. No início é sempre um choque de realidade. Eu não sabia como reagir, o que falar e muitas das vezes eu nem conseguia fazer nada pois estava em estado de choque, nervosa. Mas com o tempo, com as vivências e o apoio necessário conseguimos ter maturidade para encarar essas situações.

**M.A-** Não. Graças a Deus não, mas já colegas de profissão passar situações complicadas inclusive demissões injustas em alguns veículos de comunicação.

**S.C-** Sim, por várias vezes. Me lembro que recebíamos mensagens de questionamento sobre a minha competência só pelo fato de ser mulher. muitas das perguntas era do tipo: “O que ela entende de futebol?”

**16- A nível Pará, você acha que a jornalista esportiva tem oportunidades de mostrar seu trabalho a nível nacional do mesmo jeito que outras mulheres em outras editorias?**

**L.C-** Aqui mesmo a gente não tem tanta oportunidade.

**T.M-** Hoje já consigo enxergar um cenário bastante favorável em relação a mulher e a cobertura esportiva no estado do Pará, na cidade de Belém está mudando, pelo fato de já termos um número considerável de mulheres atuando, mas ainda temos um longo caminho pela frente. Sobre referências eu costumo dizer que eu mesma sou a minha maior inspiração pelo fato de só eu saber o quanto já batalhei e lutei para chegar nos meus objetivos, quantas batalhas já enfrentei para vencer o preconceito, para me impor e chegar onde estou. Então eu me inspiro em todo esse histórico de luta que passei para chegar até aqui. Eu sou a minha maior incentivadora. Acredito que exista possibilidades sim, pois eu já tive essa oportunidade como repórter e coordenadora de transmissão do Esporte Interativo que era um canal a nível nacional. Também estou tendo a oportunidade de mostrar meu trabalho agora como coordenadora dos jogos pelo Dazn, streaming que transmite a série c.

**M.A-** Com toda certeza, não. Aqui para se manter no mercado local já é complicado, imagina ter oportunidades de destaque nacional, não temos oportunidade de nos prepararmos para isso.

**S.C-** As jornalistas que atuam no esporte no Pará estão ganhando mais espaço em relação a época em que atuei, entretanto, na rede nacional ainda prevalecem a presença dos correspondentes homens quando surge alguma pauta sobre jogos aqui do estado por exemplo. Aliás que eu acho que ainda a presença masculina, independente de atuarem na editoria de esporte ainda prevalece em muitas áreas do jornalismo e outras profissões.

**17- Você acha que os órgãos fiscalizadores da profissão, como códigos de ética, Federação Nacional de Jornalismo (FNJ), sindicatos, faculdades, e centro de pesquisa, têm explorado, com mais rigor sobre os direitos da mulher ser inserida no mercado esportivo de forma respeitosa?**

**L.C-** Estamos caminhando a passos lentos

**T.M-** Não. Infelizmente não temos apoio, só podemos contar conosco para exigir qualidade e respeito profissional.

**M.A-** Não. Ainda falta muito!

**S.C-** A FNJ, sindicatos deveriam abordar mais sobre essa temática, levantar militância para garantir igualdade de direitos neste sentido. O Sindicato dos Jornalistas do Pará é bem complicado.

#### **18- O que pensa sobre a #DeixeElatrabalhar?**

**L.C-** Ótimo, necessário

**T.M-** Infelizmente ainda precisamos de campanhas como essa para exigir respeito em nosso meio de trabalho. Mas se para conseguirmos conquistar nosso espaço precisamos disso, que venham muitas outras campanhas como essa.

**M.A-** Esse inclusive é um lema nosso. Podemos trabalhar onde quisermos e como quisermos, isso demonstra um grito de igualdade que temos seja na base salarial, no modo que nos vestimos, que falamos ou que trabalhamos.

**S.C-** Necessário, mas precisa ser debatido por todos, como uma reflexão mesmo de mudanças de comportamento.

#### **19- Você acha que a maioria das mulheres enfrentam desafios para reportarem sobre o esporte? E qual sua opinião sobre isso?**

**L.C** Não, pois quem entra nessa área é porque gosta e sabe o que vai falar.

**T.M-** Não. Quando a gente tem determinação e foco, nada se torna difícil. Quando a mulher sabe o que quer ela já vai pra luta determinada. É claro que não dá pra saber tudo e muita coisa aprendemos no dia a dia, mas não vejo que mulheres têm dificuldades.

**M.A-** Não. Todas temos competência e o que falta é um olhar mais curioso e respeitoso para o nosso trabalho, valorização de carreira, porque mulher quando quer ela consegue fazer o que quiser.

**S.C-** As mulheres enfrentam sim, preconceito, discriminação, racismo. A mulher negra raramente se vê presente em conteúdo de esportes. Parece sempre existir um padrão, sempre as magras e loiras de olhos claros. E falar de esporte é uma tarefa árdua, porque a mulher não pode errar, não pode dar um pitaco fora da hora, não pode se expressar pelo time que gosta ou modalidade que logo vem as piadinhas, ou frases desestimulantes.

**20- Resuma em uma breve frase :Ser mulher jornalista esportiva é.....?**

**L.C-** Um desafio constante.

**T.M-** Ser jornalista esportiva é sinônimo de força, de resiliência. É saber que as coisas não vêm fáceis, mas com muita determinação, garra e foco a gente chega lá. Essas são as nossas maiores vitórias profissionais. O resto é consequência.

**M.A-** “Entender de Futebol e Esportes, Sim! E ter sua própria opinião, ser inteligente dentro e fora dos gramados, não ser só um rosto bonito e sim com conteúdo.”

**S.C-** Ser mulher no jornalismo esportivo é driblar os preconceitos, superar as dúvidas e questionamentos, vencendo cada desafio. O caminho é árduo, mas necessário.

**21-Em sua opinião como a torcida e/ou público que acompanha, observa a inserção da mulher no cenário esportivo e sobre a atuação da mulher no jornalismo esportivo?**

**L.C-** Já passei por situações que foram bem complicadas, desde palavras de baixo calão durante as coberturas no estádio Mangueirão no Campeonato Paraense então que a coisa é mais complicada, a rivalidade entre as torcidas é um desafio imenso para as jornalistas teve uma situação em particular que o torcedor me ofender, que eu sai nervosa, chorando do campo, procurei meus superiores na redação e eles simplesmente disseram que isso fazia parte.

**T.M-** Ainda é um assunto que precisa ser debatido. Ainda precisamos enfrentar e provar nossa competência a todo tempo, se erramos então é motivo de piadas sem graça, ou deboches, mas se um homem erra, é visto como um caso normal.

**M.A-** Hoje em dia eles estão passando a aceitar e respeitar mais lembro-me que quando estava na editoria de esportes do Portal Roma News, muitos torcedores mandavam mensagem perguntando qual seria o novo jogador ou técnico que os clubes iriam contratar.

**S.C-** Não respondeu

**22- Conte um pouco sobre o seu trabalho, por exemplo como desenvolve suas atividades a nível de condições de trabalho, recursos, equipe, planejamento, relacionamento com chefias e o respeito dos colegas.**

**L.C-** Quando trabalhei na área cheguei a ter dificuldades e inserção por conta de colegas de trabalho que pensavam que eu não dava conta do trabalho. Cheguei até a discutir com um deles por causa disso. Tive chefes maravilhosos, outros nem tanto que só queriam saber da informação e não estava muito preocupado se alguém te chamada de nomes que não é ou se alguém te agarrou no vestiário.

**T.M-** Tenho um bom relacionamento com todos.

**M.A-** Não respondeu

**S.C-** Não respondeu

**24- Apresentação sobre o veículo de imprensa que atua, apresentando respostas gerais sobre a identificação do veículo e editoria que atua.**

**Fazer uma apresentação abordando histórico do programa, de TV ou rádio que atua, em caso de sites, blogs, apresentar sobre a editoria de esporte, respeitando a proposta do veículo em questão.** Exemplo: O programa tal, está no ar desde tal ano, é um programa voltado para tal situação, acontece de tal a tal dia sempre em X horário. Surgiu com a necessidade disso e daquilo, o público alvo é de tanto a tanto, já recebeu prêmios por isso e aquilo.

**L.C-** Prefiro não responder pelos veículos que já atuei. Faz quase um ano que estou desempregada

**T.M-** A TV Cultura do Pará está há 35 anos mostrando o Pará do jeito que ninguém nunca viu. Uma emissora que é a cara do povo paraense. Possui emissora de rádio, TV e Portal que levam para a população o melhor da cultura paraense com programas diários na TV, como o Jornal Cultura e Esporte Cultura. Na rádio com o Conexão Cultura, Feira do Som que completa 50 anos no ar e o programa As Marcantes que toca o melhor da brega paraense. Na TV temos ainda os programas Arquivo Cultura, Janelas da Gente, Circuito, Mixturado, Cozinha Amazônia, Discoteca e Moviola .A TV Cultura do Pará pode ser sintonizada no canal 2.1, na rádio a frequência é 93.2 e o Portal basta acessar [portalcultura.com.br](http://portalcultura.com.br). O programa

Esporte Cultura está no ar desde o dia 16 de agosto de 2021, de segunda a sexta-feira às 13h30, e Fala de Esportes num contexto geral, não só futebol e não só da capital. Falamos sobre diversas modalidades e de diferentes regiões do estado. Ele retorna à programação da TV cultura pela necessidade de um espaço maior para mostrar que o Estado do Pará é um celeiro de atletas que levam a bandeira do estado e fazem bonito pelo Brasil e pelo mundo. É isso que procuramos fazer todos os dias, mostrar esses talentos e fazer com que esses atletas se sintam prestigiados.

**M.A-** Bom, eu trabalho com um repórter, um editor, a apresentadora e dois produtores. Temos um planejamento semanal para as pautas, entrevistas no programa e os quadros que vamos fazer. Além deles, temos os cinegrafistas e motoristas para levar e buscar nas externas. A minha relação com a chefia é saudável e respeitosa e para provar isso, toda semana eu participo de uma reunião de convergência onde se encontram as chefias de todos os departamentos da Cultura. Lá debatemos temas também e novas ideias

**S.C-** Não respondeu

## QUESTIONÁRIO ENVIADO PARA A ACLEP

**1- Descreva sobre a instituição (tempo de mercado, ramo de atuação, importância de mercado, histórico de implantação e se possui filiais)**

**R-** A Associação dos Cronistas e Locutores Esportivos do Pará (ACLEP), foi fundada em 11 de janeiro de 1969, por um grupo de jornalistas esportivos com a finalidade de organizar os profissionais da área de comunicação esportiva, e ter uma entidade para “brigar” (sic) por seus direitos no que se refere as transmissões dos jogos e condições de trabalho. Não tem filial e é associada à Associação Brasileira de Cronistas Esportivos Brasileiros – ABRACE

**2- Como a instituição atua?**

**R-** A ACLEP trabalha por meio do credenciamento dos profissionais de imprensa que atuam em veículos de comunicação da capital e interior do estado do Pará. O acesso aos estádios destes profissionais em jogos oficiais é controlado pela ACLEP, em que todos os jogos, é disponibilizado um representante no portão de acesso destinado a imprensa.

**3- Como são realizados o cadastro dos profissionais associados?**

**R-** O cadastro de cada profissional da imprensa esportiva é realizado mediante um pedido feito pelo veículo de comunicação no qual o profissional pertence. Esse pedido tem que ser feito em papel timbrado da empresa e com o número do CNPJ.

**4- Quantidade de cadastrados identificando por gênero (masculino e feminino)**

**R-** Atualmente a ACLEP possui 160 cadastros regularizados, sendo 148 homens e 12 mulheres.

**5- No cadastro da ACLEP, quais são os cargos considerados aceitos. Descreva os mesmos e relacione quantidade de homens e mulheres. Sugestão referenciar por faixa etária.**

**R-A ACLEP** aceita os pedidos de repórteres, editores, comentaristas, narradores, fotógrafos, cinegrafistas e auxiliares técnicos. O quantitativo de homens e mulheres é bom salientar que a maioria é formada por repórteres homens, sendo que estão cadastradas 2 (duas) fotógrafas.

**6- Quantas mulheres jornalistas esportivas estão cadastradas na ACLEP?**

**R-** Já citei: 12 Jornalistas mulheres, sendo 2 fotógrafas.

**7 - Quantos homens jornalistas esportivos estão cadastrados na ACLEP?**

**R-**Também já citei: 148 jornalistas esportivos, distribuídos em várias funções e categorias.

**8- Quais cargos estão em grande quantidade e menor quantidade?**

**R-** A maior quantidade são repórteres, uma vez que, todos os veículos de comunicação possuem esta função. A menor quantidade é de fotógrafos, que em maioria pertence aos jornais impressos.

**9- Quais empresas de comunicação são credenciadas na instituição?**

**R-**A maioria das empresas de comunicação da capital e do interior do estado está cadastrada junto à ACLEP, porém por questões estatutárias, não podemos revelar nomes destas empresas.

**10- Identifique quais eventos há efetiva participação da Aclep dentro do processo de comunicação na cidade de Belém.**

**R-**A ACLEP participa de todos os eventos profissionais e amadores, promovidos pela Federação Paraense de Futebol (FPF), e pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Eventos de Federações Amadoras, principalmente campeonatos, também contam com a participação da ACLEP através de seus filiados e associados.

**11- Como funciona o regimento da Aclep?**

**R-**O regimento da ACLEP funciona como uma obrigatoriedade a todos os associados a cumprirem e respeitarem o Estatuto da Entidade. Todos os associados

possuem direitos e deveres, e são certificados, através dos artigos de suas responsabilidades e dos riscos de penalidades, inclusive com eliminação da Associação.

**12- Que tipo de cadastro a instituição utiliza controle interno dos seus filiados?**

**R-**A ACLEP mantém cadastros impressos com informações dadas pelo associado. Antes de ser aprovado, o profissional de imprensa é avaliado pela comissão de sindicância, que levanta a veracidade das informações. Somente então o cadastro é confirmado ou não.

( FALTA INSERIR O ARQUIVO EM PDF DA AUTORIZAÇÃO DA ACLEP EM DIVULGAR AS INFORMAÇÕES)